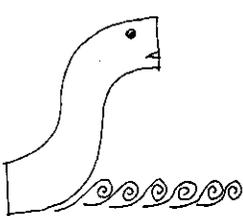




ANA LÚCIA ROCHA

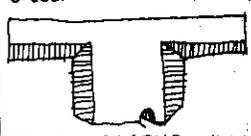
# ENCICLOPÉDIA



**SIMÕES NETO** poetou e disse: «é melhor ser cachorro no Rio do que gente»

**SEVERO**, o repórter. Na realidade voou, saltou e não deu.

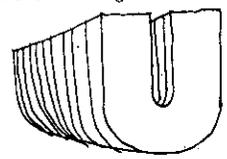
**SÃO PEDRO** padroeiro do Estado até o tempo de Meneghetti. Depois desistiu. Agora é porteiro da única boate que não é inferninho: o céu.



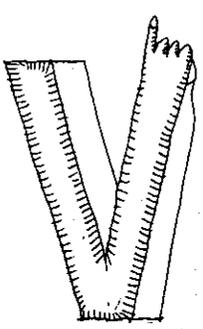
**TEATRO GAÚCHO** distribuído nas praças de Rio e São Paulo, com múltiplas atividades. (Vide Paulo José, Maria della Costa, Peréio, Pingo, Valmor Chagas, Lillian Lemertz, Fernando Peixoto, Ruth Mezzeck, José Lewgoy).

**TARSO DE CASTRO** jornalista carioca nascido em Passo Fundo.

**TEREZINHA**, aqui desconhecida, foi caso do Chacrinha e virou figura nacional.



**UIRAPURU MENDES** deixou de cantar aqui quando descobriu o Marcão em São Paulo.



**VALDI** desenhava para a MPM, aqui e no Rio. Fêz cinema em Londres e agora está homiziado em Paris.

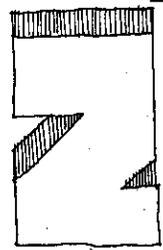
**VINICIUS SALVADORI** — saiu daqui num porre de fazer inveja ao Carlos Nobre. Andou pelo Gondola, fêz cinema e novela.



**VEDI**, conforme O Pasquim: andarilho gaúcho que conversou com Jimmy Handrix. Barra suja em tôda a Europa.

**VIANNA MOOG** viu que havia um rio imitando o Reno e foi ver de perto. Hoje é pioneiro em terras de bandeirantes.

**VALMOR CHAGAS** é um dos «Rapazes da Banda». Viúvo de Caclida Becker, casou com Lillian Lemertz.



**ZILCO RIBEIRO** foi empresário da Luz del Fuego. — Aqui não chegou a ser cobra.



**ALCEU WAMOZY**, não confundir com o homônimo de Lojas Renner. Poeta em Santana do Livramento, — amigo de Nelson e Gaspar. (Vide N & G).

**ANA LÚCIA ROCHA**, nossa colaboradora no Rio, ex-aplicação, ex-fleica, ex-Ferlauto.

**ELIZABETH SNELL** de Estrêla para Copacabana.

**FLÁVIO DEL MEZE** é o tal que fotografou a Helena Ignez nua em Wight. (Vide O Pasquim).

**FERNANDO PEIXOTO** abandonou o teatro para trabalhar na Oficina.

**BAYARD TONNELI**, filho do Fortunato; da arquitetura para as novelas da Record.

**CAIO FERNANDO ABREU** um dos «12 Contistas», atualmente no Rio.

**FAUSTO WOLF** saiu de São Leopoldo para o «grand monde» carioca. — Não deu certo e foi ensinar literatura brasileira em Roma.

**JOSÉ LEWGOY**, vilão costumaz que deve ter nascido em Bagé. Saiu nos tempos das chanchadas e chegou atrasado para o cinema novo.

**MIRIAN MULLER** saiu daqui antes do Lisboa ter virado crítico de teatro. Hoje está em O Violinista do Telhado, no João Caetano.

**DALTRO MENEZES** — não chegou a sair, foi saído em boa hora. Se ficasse seria linchado pelo Luiz Fernando Veríssimo. Está comendo macarrão em Campinas. E Fim.

## COLABORAÇÃO/Assumpção

**A VOX**  
vox popul, vox dei



**VOX CLAMANTIS IN DESERTO**

A VOZ DAQUELE QUE QUER NO DESERTO  
PALAVRAS DE QUEM PROFETIZA E NÃO É QUIVOC.

dezoto

# PATOMACHO



Foto Assis Hoffmann

## carta aberta ao rui sommer

Estimado Rui Sommer. Muito digno proprietário do Encouraçado Butikin.

Prezado.

Espero que o amigo já tenha recebido meu cheque de um milhão e meio de cruzeiros antigos que é quanto meu cunhado e seu advogado combinaram que eu lhe devia por ter (a nota está aqui comigo) quebrado aquele espelho atrás do barzinho da sua admirável casa, duas dúzias de copos, uma mesa rachada (por sinal que estou com o braço na tipóia) e a pintura de uma parede estragada com o mólho do filé e dos ovos fritos.

Como tenho a vaga noção que estive àquela noite em sua excelente boate, apenas algumas insignificâncias acodem à minha lembrança neste momento, como por exemplo: minha calça não ficou aí naquela noite? Parece-me impossível que, como cidadão sóbrio que sou e credenciado jornalista desta praça, chegasse eu em casa apenas de cueca, embora de paletó e gravata. Realmente me parece um mistério, refiro-me ao desaparecimento de minha calça em sua magnífica boa-

te. Como foi que fato tão desagradável ocorreu?

Por favor explique-me também aquele negócio que teria eu, na mesma noite, dado um violento murro na cara de seu barman sob alegação que o dito não sabia preparar um coquetel a altura do meu gosto, por isso que tomei seu lugar atrás do balcão aos berros, afirmando que, em Porto Alegre, ninguém sabe preparar uma bebida mais espetacular que eu. Se tal fato ocorreu, estou disposto a pagar um bom protético para consertar a boca de seu barman, com certeza duramente atingida, pois conheço minha força, ainda mais quando estou levemente alcoolizado.

Pediria ao distinto amigo que também me fornecesse (por telefone, é possível?) a impressão que eu causei àquela conhecida senhora, flor da nossa sociedade, na mesma noite. Juro que não tive intenção nenhuma de jogar os croquetezinhos dentro do seu decote. Foi apenas uma brincadeira sem nenhuma maldade. — Desculpe-me junto a ela e junto ao seu marido, ao qual chamei de bicha aos gritos. Tal procedimento, meu estimado Rui, não está, em absoluto, de acordo com

meu caráter e comportamento, através de uma vida de absoluta decência e respeito ético integral às normas da vida burguesa. — Aliás, disso você bem sabe, por sinal, falando em você, peço desculpar-me sobre aquilo que contei de sua infância em voz alta. Aquilo de você, ainda menino, em Montenegro, brincar de comidinha no fundo do quintal com seus primos.

Outrossim, estou disposto a pagar (parece que não está incluído na sua nota) aquela cerquinha que você tem localizada perto da pista de dança. Realmente aquele passo de tango que executei naquela hora foi por demais desastrado. Quanto ao cidadão da mesa onde caí, já pedi as devidas desculpas, jurando que nunca mais na vida caírei sentado no colo da sua senhora tão abruptamente.

Por Deus, fale também com o porteiro. Tenho a vaga noção de que, ao passar pela porta de sua sensacional boate para pegar meu carro, gratifiquei seu porteiro com o par de sapatos que estava usando, por sinal novinho. Peça-lhe que me devolva os sapatos que ele, o porteiro, desta vez, será gratificado em dinheiro.

De resto, explique ao seu leão-de-chácara que eu só fui tirá-lo para dançar por pura brincadeira. Sabe você que tenho espírito pândego. Faça questão que o amigo fale com ele direitinho. Afinal, não vá pensar seu funcionário que eu possa ser... como direi... Enfim, explique ao cara que eu tenho dois filhos e tudo. Nada daquilo tem a ver com a minha personalidade assentada e madura. Quanto aquele meu indesejável procedimento de beliscar a região glútea do cronista Paulo Raimundo Gasparotto, já me desculpei com o próprio, que por sinal não se ofendeu, levando tudo na brincadeira.

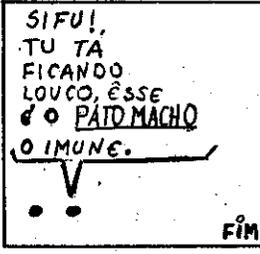
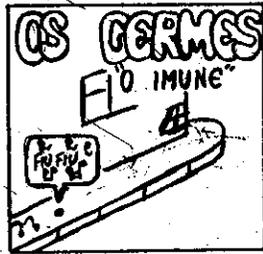
Enfim, meu estimado Rui Sommer, escrevo-lhe antes de entrar na sonoterapia, que estou fazendo aqui na Pinel, rua Barros Cassal, quarto 32, ao lado do quarto onde está, em tratamento intensivo, o nosso querido amigo Cói Lopes de Almeida.

Um abraço e, mais uma vez, minhas desculpas.

Em tempo: está aqui em casa uma de suas cadelas dálmatas. Impossível, porém, é eu entender como é que ela veio parar aqui.

Sempre seu. **NOBRE**

# CARTAS DE AMOR OUTRAS E ETC.



Olha aí, é anônimo: o Pato não é Pasquim. Sifu e asterisco já eram: Mais imaginação no linguagem. O bom desenho faz sorrir o Luiz Fernando.

## cartas

Luiz Fernando e demais patos, em pleno reino da patologia. Entrei em contato com o Pato e seus afluente. Acho que vocês engranaram.

Era preciso mesmo sacudir um pouco essa imprensa caldosa paradoxalmente pasmada num recinto cadese glóbico. Já era tempo de sacudir nosso Pô dos Casais. Começou bem. E é disso que eu gosto. Estou vibrando de patomachia, modesta à parte. Agora, aqui pra nós: as más línguas já andam badalando por aí que o pato é bicha. O pato, note-se bem, não a patota. Ah as más e lânguidas línguas. Sempre elas. Mas como as más línguas nunca atendem a contento, deixa pra lá.

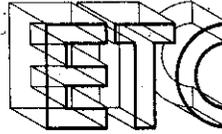
Simandol está entre as boas sacadas. Acho, porém, que deveria ser «divagar se vai ao longe», ao invés de devagar. Divaguemos.

Nome certo, sugestivo e maleável. Um jornal em P. Alegre, principalmente nesse gênero e calibre, tem que andar seguro tanto no sólido quanto no líquido. E assim vocês já não correm o risco de dar com o pato nãgua, a não ser a que o pãssaro não bebe.

O pessoal que quer colaborar já sabe: cartas para redação, para Odette de Crécy, foto-emprêgo (se você está procurando emprêgo de manequim, free-lancer de publicidade, fotografia, pedreiro, garôta propoganda mande sua foto 3x4 papel brilhante e suas pretensões para José Bonifácio 595.) A gente publica. Como lamos dizendo, cartas, críticas, desmunhecação, bilhetes raivosos, chorosos ou glosativos. Av. José Bonifácio 595, é o endereço.

Bem. Se precisarem de mais um patumaro disponham de mim para entrar na patota. Quanto às restrições pat-éticas (aliás muito razoáveis) inseridas no número 2; um pouco mais velhusco e não tão nobre quanto meu amigo Charles, ainda jogo os 2 tempos em qualquer posição. As es-cle-rosas só fizeram acentuar a loucura. E os loucos são sempre jovens. Vide Vinicius da patota de lá.

Alguns nomes da patomachia me soaram estranhos mas originais. Ferlauto, por exemplo. Bom nome para humorista ou feira de automóveis. E Coi? Econômico, vibrante e apertado. Ou serão meras coincidências? Bons garotos. Saque certo. Saudações patológicas. HEITOR SALDANHA.



### OLHA O BARTHÔ

Uma boca muito pra frente foi inaugurada na Avenida João Pessoa, 1269. Na discoteca Cleverson dá o serviço com uma correção impressionante. No outro lado do muro estão Donald Castro, Sidnei Zanardi e Ademar Almeida. O novo bar já cometeu a temeridade de abrir a copa para a confraria patomachense. Qualquer dia a gente aparece pra contar as coisas e pra dar uma despesa inesquecível. P/S — O Carlos Nobre já está concentrado.



PAGINA dois } E ESTA PAGINA, ORA BOLAS  
três } CHARLES, ONOBRE, FOTOGRAFIA  
quatro } COI  
cinco } QUARTOS/ GENERALIDADES  
seis } O PATO TIME  
sete } KNOWELA - LEVITAN  
oito } Mi Buenos Aires querida  
nove } CARLOS NOBRE - ESPORTE  
dez } VANDERLEI CUNHA : O PATO!  
onze }  
doze } TESTIMONIO 70 / ARTE  
treze }  
quatorze }  
quinze }  
dezesseis } trausas  
dezessete }  
dezoito } ENCICLOPÉDIA SIMANDOL  
dezenove } FERLAUTO E VERÍSSIMO  
vinte }  
vinte e 1 } TATATA PIMENTEL  
vinte e 2 } BETO PRADO  
vinte e 3 } ODETE DE CRECY E TIRAGEM

CAPA : CARLOS NOBRE / ASSIS HOFFMANN

A confraria Patomachense já começa a ficar importante. Segunda-feira foi a vez do pessoal do colégio Rosário bater um papo muito quente com a gente aqui da casa.

Foi o Charles, o Nobre, o Renato D'Arrigo, o Rezende e o Eloi Celente. O Luiz Fernando Veríssimo ficou em casa contando suas memórias gastronômicas portenhas, Ferlauto e Coi ficaram montando o jornal. Segunda-feira é fogo para o pessoal aqui da casa.

Num outro dia, quarta, quinta ou sexta-feira vai todo o mundo. Só não vale cobrar entrada. Em tempo: Sérgio Rosa só aparece depois que termina a análise. Diariamente das 18h às 19h.

## EXPEDIENTE

### Editores

Claudio A. F. Ferlauto  
Coi Lopes de Almeida  
Luiz Fernando Verissimo

### Colaboradores

José Onofre, Vanderlei Cunha, Levitan, Beto Prado, José Maria Iglesias (Espanha), Harry Sabugosa, Luis Carlos Felizardo, Assis Hoffmann (fotografia), Assumpção, Odette de Crécy, e alguns leitores.

### Planejamento Gráfico

Signovo Ltda.

Impresso nas oficinas da Gaúcha Gráfica Editora Jornalística S/A. Av. Ipiranga 1075, fone 23-42-66.

### Diretor Responsável

Luiz Fernando Verissimo

### UM JORNAL

da Grafitte Editora S/A.

### Diretores:

Sérgio A. Rosa e Renato D'Arrigo

### PUBLICIDADE E CIRCULAÇÃO

Eloi Celente

### IMPACTO REPRESENTAÇÕES LTDA.

Av. José Bonifácio, 595  
Fone: 23-7850

dois



FOTO/LEONID STRELIACV

*Charles*  
O NOBRE

ATENÇÃO, JOVENS: A EXPRESSÃO «JÁ ERA», JÁ ERA.

**ASSIM QUE CHEGAR O MORRO JÁ ENCOMENDADO PARA COLOCAR EM CIMA, O PREFEITO DARÁ O TÚNEL DA CONCEIÇÃO POR INAUGURADO.**

A MAIORIA DAS PEÇAS DE DRAMATURGOS ATUAIS É QUASE SEMPRE DIVIDIDA EM TRÊS ATOS. . . SEXUAIS.

**COMO DIZIA A DIABA PRO DIABO DEPOIS DE... (PIGARRO)... COM ELE:**

— PUXA, MEU BEM, VOCÊ É FOGO!

O COLÉ É LOUCO. O FERLAUTO É LOUCO. O LEVITÁ É LOUCO. O D'ARRIGO É LOUCO. O LUIZ FERNANDO É LOUCO. SÓ O TATATA USA A CABEÇA NO LUGAR.

**BRUTUS ERA BICHA. PROVA A EXCLAMAÇÃO PATÉTICA DE CÉSAR:**

— ATÉ TU, BRUTUS?

O DR. WATSON DEVIA SER O CASO DO SHERLOCK HOLMES, PROVA QUE JAMAIS REVIDOU AS ESCULHAMBADAS QUE RECEBIA DO FAMOSO DETETIVE.

**DEUS É BOM. ELE TÁ É CHEIO.**

## OPINIÃO

JOSÉ ONOFRE

Escuta Cói, não entendi o que tu querias dizer sobre «Five Easy Pieces», mas parece que tu estás na do Paulo Francis. Che, o Francis em cinema consegue dizer bem as coisas mais erradas, é o típico caso onde só sobrevive o estilo. A distância percorrida pelo Jack Nicholson de «Easy Rider» para o Jack Nicholson de «Five Easy Pieces» é muito grande para agüentar comparações. O advogado de «Easy Rider» pode ser encontrado (ativo, integrado) em algumas comarcas aqui do Estado e podemos chamá-lo de «O Rebolado da República». O pianista de «Five Easy Pieces» tem mais «punch» e se manda porque é duro agüentar a rêsca da integração.

O fato do cara cambalear não quer dizer nada além disso: o sujeito que sai fora não compra apenas uma briga com o Sistema, mas com o sistema dentro d'ele mesmo. Desde que os índios deixaram de ser os bandidos que o herói americano é um cara quebrado, difícil, dividido.

O que vale é que ele se movimenta, caça, procura, não chantageia com a emoçãozinha barata do Chopin. E quando o chofer diz que vai para o Frio, ele topa. O sentido? Não há, che. O negócio, por lá, está na base do Bernstein, o importante é o movimento. E não me venhas de Bergman, que este é pastor protestante com problemas de cto. Quanto aos pôr (pores do sol (sóis), tu não acha exagerado reclamar de crepúsculo a esta hora da noite.

## FABIOLA

Mesmo 1500 quilômetros distante eu só penso nela. Fabiola está no João Caetano, em VIOLINISTA NO TELHADO, um musical de tremendo sucesso na Broadway, na Europa e de pouco público no Rio. Fabiola está aqui, está em todas as bancas nas páginas de Fotos & Fotos. Semana que vem será dica de mulher no Pasquim, um dia eu prometo: ela vai ser capa do PATO MACHO. Ah, antes que esqueça, Fabiola Fraccaroli é a gurja mais bacana que eu conheci.

## RECADO

Eu sei com quem você está dormindo agora Neste momento. Se gosto? Torturo-me, é só. Sua cama de água move-se, lentamente. Ou é rápido? Eu esqueci de você; não da seu rosto, sua boca, seus olhos verdes, esqueci do seu dormir. É lento, rápido? Eu sei quem está com você e isso preocupa-me muito pouco. Num instante eu soube tudo. Tudo, com quem você dorme, da cama de água. Fotos e fotos de nossa vida no antes. No nunca. Quando vivíamos. Juntos? Não, não chegou a haver uma união. Amor? É possível. Lembro seu rosto, suas rosas amarelas, do Caetano Veloso. De seus lábios. Lembra? Eu gostava de beijá-los. Você era quem melhor beijava no Rio de Janeiro inteiro. Na melhor cidade da América do Sul, o lixo ocidental. Guarde seus beijos com mim. Reserve seus carinhos, sua cama de água. Eu sei com quem você dorme, não sei se me importo. Eu Amo você, tanto... Guarde seus beijos, seu corpo. Deixe o amor por minha conta.

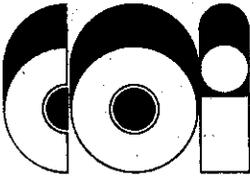
## ELA

Seu nome? Noa, Nunca, Noca? Sei lá. Estava de preto, disse eu lembro. Deslumbrada? Ela falou que a vida também decepciona. Não decepciona, não, Noa, Nunca, Noca. Pelo menos não deixa marcas em menininhas de 20 anos, Nunca. Viva seu deslumbramento, viva sua beleza, seu rosto. Aproveite seu nariz arrebitado. Seus olhos são negros, verdes ou azuis? Deslumbrar-se enquanto for menininha. As marcas, decepções, virão com o tempo. Noa, Nunca, Noca, sei lá.

## REVOLUÇÃO

A revolução não significa, necessariamente, derramar sangue. Matar ou morrer. Violência. A revolução é antes de tudo o encontro de mentes. Comunicação. (Yoko Ono).

# no quarto pato os quartos do coi



É óbvio que nasci num quarto. No Hospital São Francisco, onde começa a Independência. Depois levaram-me para um outro. Lembro apenas de uma cama com grades, toda branca. O tempo foi passando, os quartos mudando de forma, cor e sentido. Havia quartos espalhados pela noite. Camas cobertas por lençóis nem sempre muito limpos. Lembro de sonhos profundos, de acordar com a mulher errada. Da fossa existencial, da ressaca moral. O quarto dos espelhos, na Mônica, foi folclore. Espelho no teto, nas paredes, surubas, Marco Túlio Lança, Pepe, alemão Fogareiro. Sempre quatro pra cinco mulheres. A Balana era completa. Isso foi por volta dos anos 60, ou antes, nem sei.

Mais tarde dormi nos cômodos de Torres, atrás de portas, em cima de mesas, no chão, intranquilo. Foi bom enquanto durou. Acabou. Voltei a dormir sozinho em cama estreita. Os quartos da Maril — na época sem ar condicionado — foram úteis, continuam sendo. No Rio o Holiday, que só fui descobrir depois de muito tempo. Por 70 contos você dorme sem grilos, toma café na cama, se quiser, ou laranjada gelada. As torradas americanas são espetaculares. O carro fica enrustido numa garagem que só abre quando se paga a conta. Lá fora o ar ainda semipoluído da Barra da Tijuca.

No hotel Regente havia duas camas. Um saco, ter que juntá-las, sempre ficavam um buraco no meio. Era só a coisa começar a fazer sentido para que o buraco aumentasse. Separava corpos, cortava onda, antes mesmo de começar. Era preciso tapar o buraco para que o ato voltasse, mas agora sem aquela mesma intensidade do antes.

Um dia morei num quarto de paredes amarelas na rua Bolívar. O mar na janela, a avenida Atlântica em obras; aos sábados um som, batique pra turista se babar. O sofá-cama apertado entra aquelas angustiantes paredes amarelas. Eramos torturados pela cor. Oprimidos e violentados. O sofá-cama, coitado, que nem galhos tinha para quebrar! Como criar galhos em sofá-cama? entre paredes amarelas? O amarelo foi suportado durante 15 dias.

A volta pro hotel, na Souza Lima, o buraco entre as camas no nono andar, à esquerda de quem desce do elevador, o cheiro de café, pão, biquinis e camisas floridas. Era sexo, o som da Mundial em ambiente enfumaçado. Lá embaixo a praia esperando, todas as manhãs. Os cachorros quentes do Bob's, ketchup, mostarda amarelo, suco de péssago. O quarto assistia impassível nossa falta de grana; observava silencioso e cinzento a fome distorcida por um canceloni no Bêco da Fome. Assisti sem lágrimas eu despedir-me do Rio numa noite de fevereiro, antes do Carnaval. Já sem mim ele viu as escolas passarem, a tempestade, a inundação. O mar continuou barulhento, espumando de raiva e com crimes dos homens.

Um dia fiz minha cama em pleno Gálgiba. Naquela noite o Umuarama virou navio fumaça e foi o meu quarto. Era o começo de uma nova história sem muitos quartos. A volta dos cantos, colchões no chão da garagem, sonos transloucados em pleno campo. Sonhos, angústias, noites curtas, copos esvaziavam-se ao som da Continental. O Judeu Westphalim acolhia o meu sono. Meu quarto era feito de som.

# quartos a granel

## SACO

Ser bicha em Porto Alegre é um saco. Numa noite destas assisti ao drama das bonecas locais bem de perto. Junto ao fogo que esquenta pés e mãos no frio outonal da Cantina da Vila estavam alguns espécimes da fauna. A angústia deles transparecia, não precisavam falar nem se mover para mostrarem a infelicidade de não estarem no Gondola, no Fiorentina. Pobres espécimes da fauna provinciana! Se não forem protegidos em tempo, agrupados em refúgios, em poucos anos nosso principal artigo de exportação será uma peça extinta. Afinal estamos em tempo de Rio Grande, urge que se faça algo.

## TORTURAS

Na quarta que passou, depois de quase dois anos eu hotel uma gravata. Não me reconheci no espelho, tive pena daqueles pobres coitados que com suas pastinhas James Bond, dentro de Volks bem passados andam pelas ruas da cidade. Torturei-me pra ver Moicano casar. E casou mesmo. Fiquei meio decepcionado, acreditava nele. Agora não sobrou nenhum. Minha próxima gravata vai junto comigo pro São Miguel e Almas, se até lá não tiverem, ainda, transformado o campo do Cruzeiro em cemitério.

## VISITA

O Marcão está sendo esperado ansiosamente pela Marilise nas próximas horas. Por telefone ele pixou os cartuns deste hebdô, achou tudo sem mélio. Tá na cara. Também falou que vai ficar um mês na Província matando a saudade de sua mulher, na cama, é claro. Nas horas de descanso, muito natural, ao invés do cigarro vai tentar transformar este Pato num jornal nem tão underground como pretende o Ferlauto; nem tão cafofo como gostaria o D'Arrigo, nem tão comportado como sonha o Luis Fernando, nem tão Pato como desejo.

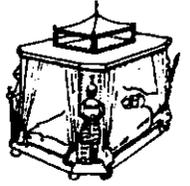
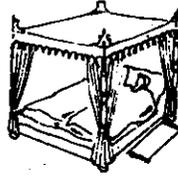
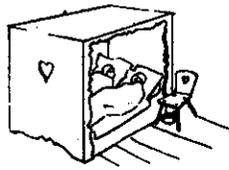
## OUTONO

Porto Alegre no outono fica mais descontraída, ou coisa que o valha. E foi no mês de abril, em pleno outono, quando os ventos são mais fracos, o frio vem chegando sem atrapalhar o sol radioso, que escolheram para nascer pessoas do mais alto gabarito. (Pra não falar em Adolf Hitler, que viu a luz neste mês mas na Austria). Aqui nasceram Getúlio Vargas, o meu pai, Paulo Raimundo Gasparotto, Carlos Heitor Azevedo, as Lojas Renner e Arlindo Pasqualine.

## OPINIÕES

Pô, desta vez veio por escrito em papel timbrado da MPM, ou seria da Standard? Assinada pela José Onofre. Resposta pro regra 3 do Goida: cada um vê como quer, garanto que o Jefferson de Barros viu como tu. O Hilário Honorio, que por ser analfabeto nem assina o próprio nome, andou dando gritinhos que abalaram as estruturas da velha casa de Caldas. Bota o perdigueiro na pista, meu. Eu disse que me realizaria no quarto, mas não falei no de quem...

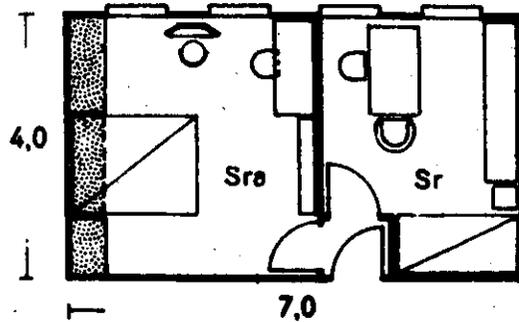
COI! TÔ ENTRANDO NA TUA  
PÁGINA — SUBREPTICAMENTE —  
PRA DIZER QUE: PERDER DOIS AVÍDES  
NO MESMO DIA, PARA O RIO, É ATAQUE  
DE SIMANDOLICE PROVINCIANA E  
DA BOA... (CF)



# quartos/generalidades

As dimensões dos 4º (quartos) dependem do número e tamanho das camas. Nas casas com máximo aproveitamento de espaço dispõe-se de camas fixas em nichos formados pelas paredes e altos armários, as vezes armários duplos. Dimensões dos nichos para camas de acordo com as dos bastidores normalizados para colchões. As camas se possível, se situarão paralelamente às janelas (boa luz para ler, cômoda visão da exterior). Sendo conveniente para os 4º (quartos) as janelas que abram para o norte; a orientação correta da cama será N-S. As portas abrirão para dentro e de forma que não atrapalhem o ocupante da cama. Também é muito importante o fácil acesso a todos os pontos da habitação.

Arq. PEDRO MOHR, CREA 16.308



Dormitórios separados para matrimônio

27

III.IIIIII

O

EI, TURMA,  
AI VEM O  
DALTRO MENEZES!

JOAQUIM FONSECA

GOOOOL  
DO CLAUDIOMIRO!!!

S

EQ

YYYY

SUJEITO  
METIDO A BÊSTA,  
ÊSSE...

LL

£

lugar  
de mulher  
é em **KSA**



AS MULHERES FICAM MAIS EM KSA.  
AS MULHERES ADORAM KSA - MÓVEIS E DECORAÇÕES -  
A CASA É UM REINO QUE O HOMEM FINANCIA  
E A MULHER USUFRUI.

**KSA** quem casa quer ksa

MÓVEIS E DECORAÇÕES LTDA.  
Venâncio Aires N.º 1096  
Ao lado do Pronto Socorro

# PATO TIME

## QUEM É UNDERGROUND, FLAVIO

Underground não é bem o papo. A Continental tá dando que o elevador da Concelção é o underground de PA. Está certo. E com elevadas razões. Uma cidade vive, cresce, tem seu sistema nervoso. Como a gente, espere 15 minutos numa sinaleira (é semóforo?) que se diz fora da província, e note o nervosismo de seu carro e de sua cidade. Leite em pó, um pouco de água. Agora: nossos comerciais, please! Mas a Idéla da cidade eu vou desenvolver num próximo número. O papo, eu vou falar, é aquele de se mandar daqui porque a gente vai ficando POR-FORA: primeiro da família, depois dos velhos amigos das reuniões dançantes, depois dos colegas da faculdade (quem teve saco de frisar uma), depois os profissionais do ramo. Então, meu nêgo, você tem que sair

pra uma criativa. Uma de Sansão, e fazer o que pensa, ou tirar uma de Easy Rider e meter a cara nas estradas dos Estados Unidos (muito mais bonitas, panorâmicas, inodoras, pelo menos no cinema), ou: viajar pras europas resolver todos os probleminhas que deixa por aqui. O que acontece que eu quero falar do Flávio Del Mese, da ilha de Whight, das fotos que ele faz da Helena Ignez, das corridas de automóvel que ele viu em Londres, de suas brigas caselras com a Escôva e a Fumaça, por causa de papel higiênico e pasta dental. Mas só lembro de um cartão que caiu em minhas mãos, da Índia, para: PA, para o Fumaça. Era o Flávio. Agora está no Vietname do Sul. Um «underground man». Mantenham suas dúvidas e acrescentem algumas certezas. CLÁUDIO FERLAUTO



Jussara  
nossa correspondente em  
NY, Nova York

## ROLLING STONES E CHICAGO SPEED

Recabemos de Julio Plaza e Regina Silveira (ver enciclopédia Simandol) o último exemplar do RS/1º de abril. Discos comentados: The Cry of Love/Hendrix, Gold/Neil Diamond, Seatrain (conjunto), Tony Joe White, Mirror Man/Captain Beefheart and the Magic Band, Moving Finger/The Hollies. Textos por Jon Landau. Voltaremos ao assunto. Do CHICAGO SPEED, só podemos dizer: jornal off-set a cores, estilo Ari de Carvalho. Mas mesmo assim bom, Bom.

A ILUSTRAÇÃO ABAIXO É DA «A GAIVOTA».  
TEMPORADA BALNEÁRIA DE 1939. 2ª EDIÇÃO.  
-REVISTA LITERÁRIA E ILUSTRADA DAS PRAIAS  
BALNEÁRIAS-  
DIREÇÃO DE JOÃO M. CASTELLO.  
AINDA EXISTE, MENINADA, NOSSA ÚNICA  
-FREE-PRESS- GAÚCHA. AUTÊNTICA.

## Balneario Farol Hotel

### TORRES

ABERTO TODO O ANO

Dispõe de confortáveis edificações recém construídas e comodas para veranistas e viajantes — Excelente cozinha e asseio rigoroso — Instalações sanitárias  
MAXIMO CONFORTO e PREÇOS MODICOS.  
BOA GARAGE E COCHEIRA

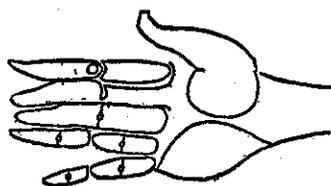


ESTADIO DE PRIMEIRA ORDEM



O proprietario: Gabriel Atânazio

SITUADO  
NA  
MELHOR  
PRAIA  
BALNEARIA  
DO  
ATLANTICO



# LOVE

APERTE A MÃO DO PATO!  
(UMA MÃO FINA, COMO SEVÊ)

Na única novela que a Província diz não entender, Levitan ataca o E.C.A.P. PARTE 1.



# KNOWELA Levitaã



É NECESSÁRIO QUE TU DESVIRE  
TODAS AS ROUPAS PARA ENCONTRAR  
TEU CORPO

É IMPORTANTE QUE TU VIRE  
TODOS OS ARMÁRIOS PARA ENCON-  
TRAR TEU CAMINHO.

**DANUTA**

VOCE AGORA É UM  
AGENTE SEGRETO DO PATROPIA

AGORA A PREOCUPAÇÃO  
ME ATINGIU!

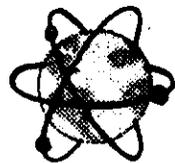
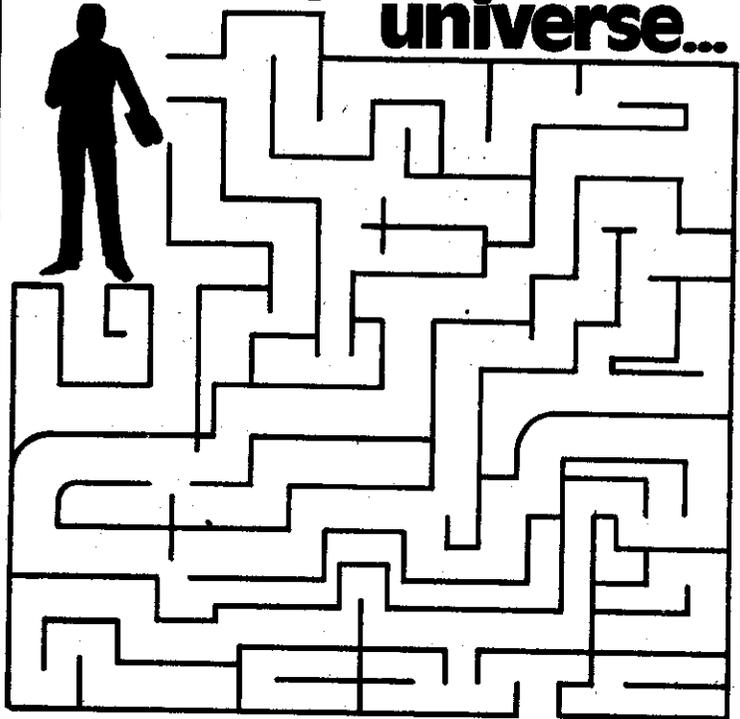


NÃO SEI  
POR QUE  
TE PREO-  
CUPAS  
LOGO TU! DANUTA

QUE POSSO FAZER AGORA  
DEIXOU DE SER UMA PRO-  
CURA AGORA TUDO SE  
RESUME NUM SEGREDO.



\* **Meet your  
universe...**

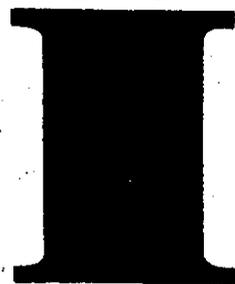


V. Já reparou na crescente influência da língua inglesa no mundo de hoje? Cinema de underground, soul music, pop art. São os meios de comunicação e as artes que se universalizam. Localize-se neste mundo instantâneo. Encontre a sua comunicação. Fale inglês. Aprenda inglês pelo sistema áudio-visual subliminar, exclusivo do INELI. Em 30 dias, se você tiver presa...

TURNOS. MANHÃ, TARDE E NOITE.

**INELI**

instituto eletrônico de línguas



RUA: PROF. ANNES DIAS, 112  
8.º, 9.º, 10.º ANDARES.  
(DEFRENTE A SANTA CASA)

SECRETARIA: 25-8668  
8.º ANDAR - FONES: 25-8669

\* N. B.: Ache a saída do labirinto e leve-a ao INELI no ato de sua matrícula para concorrer a uma estada de 30 dias nos Estados Unidos, inteiramente grátis.

# mi buenos aires querida

Depois de feita a sintonia histórica dos acontecimentos, depois de uma bem elaborada análise cartesiana dos fatos — ou seria ostensiva? — chegou-se à uma conclusão: algo deveria ser feito e já.

O problema crescia a olhos vistos e o pânico, que sempre surge nestes momentos cruciais, deveria ser contido a qualquer preço. Soluções de emergência, ou mais soluções, já de nada adiantavam.

Urgia descobrir uma fórmula que pusesse um fim a nosso hebdô, por que já ninguém aguentava tanto trabalho e **tutu** entrando, tantas ameaças veladas, tantos telefonemas anônimos. Não só o primeiro, mas também o segundo número do «Pato Macho» esgotou-se. Nos olhos dos componentes da patata, existia somente uma expressão: esgotamento.

Todos estávamos esgotados. O primeiro e o segundo número do jornal, os diretores, editores, redatores, o departamento comercial e a circulação. Uma crise total e bestial de esgotamento.

Col Lopes de Almeida com a fatalidade no olhar, já não entendia mais nada. Ostentando seu último penteadinho «the bestial look» — atiança:

— Vocês não de ouvir que eu fiz tudo o que humanamente era possível fazer para que este jornal não chegasse ao terceiro número. Já perdi mais quatro fios de cabelo. Este ar da província me mata. Tive que trocar o Passport por Bromural. Eu estou me acabando e olhem que nisto eu achava que tinha experiência. Já vi o Bolaço quebrar, isto sem falar na ZH dominical.

Ferjauto secudia a cabeça erismático:

— Eu não entendo uma coisa. Como pode um jornal que quer ser «underground» vender 5.500 no primeiro, 10.000 no segundo e quase 18.000 no terceiro. Vejam vocês o Diário, que não tem esta intenção, vende 1.300 e o jornal da Semana 3.000. — E depois de três palavras cabalísticas implicáveis sentença:

— Francamente eu não entendo.

Luiz Fernando Verissimo, um homem que pensa e lê em todos os idiomas imagináveis e não fala em nenhum, franze a testa (sinal convencional para as reuniões urgentes de diretoria). Em nossa mente só um pensamento. Algo deveria ser feito e já.

Sergio Alves Rosa, depois de conclamar todos para a união no momento difícil, ainda consolou-se com o Col.

— Não adianta reingar meu filho. Tu ainda estás melhor que

— Era o mais tranquilo de todos. Quatro horas depois, dois litros de Monk's, um de Passport, um e meio de Bromural e alguns Valium, Vesalium, Tranquilex e Cardenal consumidos, ficou acertada a ida de um dos diretores do Pato Macho a Buenos Aires em busca da fórmula secreta para falir jornais, já que as locais eram demasiado fatigantes e morosas. Tal decisão foi tomada, porque bosto corria que o «underground» portenho ocultava sob mil véus a fórmula milagrosa. Antes disto, outras sugestões foram apresentadas. Por exemplo, contratar o Dr. João Calmon para diretor com carta branca, ou o Dr. Samuel Walner ou ainda... bem deixa prá lá. Água passadas não molham o moínho.

Ficou também acertado, que iria imediatamente a Buenos Aires e que, mais tarde, o nosso editor-chefe iria reunir-se a mim para que num esforço conjunto a arriscada missão triunfasse. Serenos e esperançosos encarramos a reunião e saímos confiantes. Um novo alento acalentava os nossos corações.



## A VIAGEM

Domingo, hora normal, Aeroporto Saigado Filho. O decorado Luiz Florência Braga e sua esposa Ana Maria associam-se à empreitada e com Vera embarcamos. Viagem normal. Apenas duas novidades. A primeira uma tentativa de sequestrador. Um indivíduo aproxima-se da cabine de comando e munido de um sanduíche — destes servidos no trajeto POA-BUE — ameaça o piloto.

— Para Cuba ou faço-te comer o sanduíche.

O piloto desesperado não sabe o que fazer. O velho Braga pede mais quatro Chivas Regal. A sermoeira acaba tendo que comer o sanduíche pelo piloto e o sequestrador satisfeito volta ao seu lugar. O vôo prossegue normalmente. Os passageiros estão calmos.

A segunda novidade foi uma tentativa de sedução. Tranquilamente sentado em minha poltrona com meus amigos, bebericando o uísque bom, o papo, fácil, quando de repente dois enormes olhos claros me desmam e me vestem. Situação insuperável! Evandro Castro Lima na poltro-

## A CHEGADA

Hotel San Antonio, calle Paraguay, o hotel mala inglês de Buenos Aires. Apartamento por 3.500 pesos (35 novos) mais o laudo de 22%. Manolo o porteiro noturno já me aguarda. Avisa que no restaurante El Pulpo começa a caminhada, a longa caminhada rumo ao fim do Pato Maldito. Calle Reconquista, o único restaurante com mariscos de Vigo. Ostras de entrada, cazuela de mariscos, omelete ao rum para terminar e café. Vinho branco, Chateau Landon, são naturalmente. Ainda estamos na semana sem carne. Amanhã a carne volta a Buenos Aires e Perón... volta? Fim de janta. É 1h da madrugada. No Masu-Masu existe outro informants com importantes dados. Vera tem sono. Buenos Aires acordá.

## COMPRAS

Pior que uma mulher comprando é uma mulher cercada em sua liberdade de comprar. Av. Santa Fé, o comércio pra-frente de Buenos Aires. Galerias com pequenas butiques, que vendem pra burro e que são o terror dos grandes magazines. Artigos recém lançados em Londres, artigos nativos. Ótimo preço, ótima qualidade. Se o peso continuar desvalorizando isto será o futuro paraíso para o brasileiro.

A cotação 0,80 já é altamente compensadora. A tendência é desvalorizar ainda mais.

Preços: pullover de cashmere, dependendo da qualidade, 45 pesos novos (pesos ley) até 12 ou 13. Para fazer um cálculo aproximado de quantia em cruzeiros multiplique por 1,20.

Os jalecos espécie de máximantô bem mais leve (de malha) que pode ser usado com hot-pants — é quase sempre usado — e fica muito bem em determinadas mulheres. E claro que para outro tipo de mulher não fica nada bem... não existe remédio.

Outra vantagem da Santa Fé é a possibilidade de modelos exclusivos (coisa difícil nos grandes magazines). Mais alguns preços: hot-pants de 65 até 150 pesos ley; kiltos importados ou argentinos mesmo à altura dos primeiros, de 80 até 180; botas de 70 até 120.

*Mal contado! Tem gente que viu o Renato e o Evandro descerem do avião de mãos dadas*

As melhores butiques de Santa Fé — esta é uma opinião da Vera, não minha — são: «Pleno por tí», «Villa Borghese», «Rikardo», «Habia una vez». As galerias de moda pra-frente, mais por dentro, são o Da Vinci e a Victor.

Claro, você pode tentar os grandes magazines e até encontrar um preço razoável, porém o quente na moda está na Santa Fé.

Na Calle Florida, toda esburcada (em obras) também existe ótimo comércio, bem mais tradicional.

Se seu caso, porém, estiver no de uma rápida passagem, o melhor mesmo é passar pela Santa Fé e ficar por dentro das novidades.

## MOEDA

Antes de continuar, uma rápida explicação sobre a moeda argentina. O peso ley ou peso novo vale exatamente 100 pesos antigos. Assim, uma nota de 10.000 pesos vale 100 pesos novos. Uma de 1.000 vale 10. Quando a nota não está carimbada o melhor é tirar os dois zeros finais. O único cuidado imprescindível é com as notas novas que são menores. Uma nota de 100 nova vale 10.000 antigos e assim por diante. De resto, quase todas as casas comerciais usam os dois tipos de preço. O velho e o novo.

*O negócio, Renato, é convencer as mulheres que a gente não entendeu nada dos pesos antigos e novos e que, por precaução, o melhor é*

## EM BUSCA DA FORMULA

Depois de passar por centenas de butiques onde Vera precisava encontrar a fórmula mágica que poria fim ao PATO — tudo inutilmente e me custando os olhos da cara — eis que chego ao hotel e um recado me espera na portaria. É Braga que julga ter encontrado a pista da fórmula e se prontifica a colaborar. Marcamos encontro no El Aguililla para o dia seguinte. Entre alguns uísques, éle e Ana Maria advertem que a fórmula Biela, o melhor restaurante de pode estar com o maître do La Buenos Aires.

Antes de continuar uma informação que julgo oportuna: o uísque Old Smugler é também fabricado na Argentina, portanto se o seu contrabandista lhe oferecer o aludido, certifique-se da sua origem para não entrar em fria.

## LONDON GRILL

Não sei porque Luiz Fernando Verissimo entendeu que a fórmula estaria com o maître do restaurante London Grill (calle Reconquista), um Terry Thomas nativo. Centolla de entrada, costeletas de carneiro, langostinos, trutas, peixe rei do rio Paraná — nunca do rio da Prata — e outras especialidades. Vinho conciliador: Rosé Santa Silvia viejo.

Também não sei porque éle entendeu que estaria no El Pulpo, restaurante que eu já havia investigado e que possui excelente cozinha e baixo teor de infominação. Ostras, calamares, cazuelas de marisco.

E continuamos procurando no La Cabaña, a melhor carne do mundo. Peça «Costillas a la belle femme» e na Lagar del Virrei (calle Alacuchó), o restaurante mais esombroso de Buenos Aires. Um preço altíssimo pelo ambiente — adega colonial, cozinha regular.

*gastar só com comida. Foi o que eu fiz.*

*Ah, La Biela...*

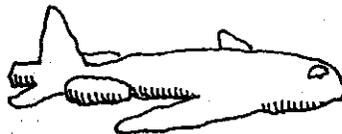
*Aqui empastelou. Depois de "Nureiev" entra o "Redimos pasta", lá em cima.*

*Tutu? Onde? Onde?*

*Nesta briga eu não me meto*

*Erismático?!*

*Muy amable...*



*"CORRIENTES TRESQUATROCHO..."*

eu. Ontem eu perdi meus três últimos fios de cabelo.

O Eloi Celente não falava. Em frente à uma máquina de somar só fatuava.

— Ipranga 4x20 para o terceiro. Bier 3x37 para o quarto e quinto. Simpe 2x37 para o terceiro. O Helinho também entra neste e o IPV entra para todo o sempre.

na da frente me paparica e me echa paracaidismo com o último rei mouro de Granada. Vera enfurece, Braga contorna. Ana Maria põe as coisas no lugar e Evandro desabafa:

— Ah, se éle não fosse casado!

Um uísque mais e chegamos a Buenos Aires. A viagem demora exatamente três doses de Chivas per capita.

Pedimos legosta com todos os molhos (ramolade, salsa golf, sicaparras). Como segundo prato Braga vai de Beef de Chourço, as mulheres de carnes e champignons e eu vou para o escalope à romana. Como sobremesa Charlotte (torta gelada com molho de chocolate) para todos e café.

Tentanto ainda conseguir a simpatia do maître para nossa causa, pedimos um Surra branco velho e um Cavaleiro da Capa tinto. Debalde, o maître segue mais fechado que internet de Bom Conselho nos bons tempos (ou mau?). Seu olhar, porém, revela uma determinada autoconfiança, ele esconde algo. Saberá a fórmula?

Tal dúvida atroz levou-me a voltar por mais duas vezes ao restaurante da praça de la Riccieta. Ruma delas, devidamente acompanhado por minha guarda pessoal: Flávio e Mariuzinha Loureiro Chaves e Luiz Fernando e Lúcia Veríssimo, que chegaram na terça-feira atendendo meus insistentes apelos pelo telex. A mesma tática empregada, o mesmo vinho. Nem a «cantolá» (espécie de caranguejo) perdida de entrada, acompanhada com toda a guarnição regulamentar, fez com que o maître falasse. Nem a gorjeta gorda acrescentada à conta de 180 pesos novos fá-lo falar.

Apenas uma observação, fria, calculista, incongruente:

— O segredo da fórmula está em Buenos Aires e não poderá entrar no Brasil.

— E de onde veio, pergunto espavorido.

— Do TIMES, de Londres.



O fato foi que não encontramos a fórmula. Encontramos a conclusão: Buenos Aires é um dos dez lugares onde melhor se come no mundo. Como queríamos demonstrar. E se come bem e relativamente barato.

A conta sempre variava entre 30 a 50 pesos ley por casal, com exceção de Lagar del Virrei onde se paga também o ambiente. O que não é muito. Quase mais barato que um jantar no Fredolino. E levando em conta a variedade dos pratos, a qualidade de cozinha, a classe dos vinhos, com boa vontade chega-se à conclusão que em Buenos um aprendiz de gastrônomo pode dar vazão às suas eccentricidades praticamente de graça.



Renato recebendo a conta no "Virrei"

### ONE ANDARIA A FÓRMULA?

Acordamos desorientados. Obesemente desorientados. Onde andaria a fórmula? era a pergunta que rondava nossas mentes, batia no teto e voltava. Ela, que Vera vai até à janela e já pichado num muro em frente ao hotel: River 2 x Boeta Juniors 0. A primeira visita uma gozação comum, coisas do futebol mas não para o sr. Sherlock. Veríssimo que vielumbrou no chiste futebolístico uma nova e primorosa pista. E à noite iria nos encontrar no Monumental de Nuñez assaltando uma partida decisiva: River x Chacarita. Vencida pelo segundo por 2x0. Um frio de roer os ossos e uma partida igualzinha a um grenal dos tempos do Foguinho técnico do Grêmio. O River jogava melhor e perdia. O Chacarita fechado contra-atacava. Vai muito mal o futebol argentino. Fiz ver, portanto, ao nosso Sherlock que estávamos perdendo tempo — no que concordou inteiramente comigo. Nada mais a fazer ali. Tempo perdido. Uma fórmula preciosa não poderia ser encontrada no meio de um futebol tão ruim.

### LIVRARIA/DISCOS

Na manhã seguinte alguém teve a idéia genial. Por acaso não estaria a fórmula em algum livro perdido entre os muitos das livrarias da cidade, ou quem sabe, não estaria a fórmula oculta numa faixa de um disco de Leon Felipe, por exemplo, um poeta pobre, velho e feio?

Trailo. Anibal Trailo

Uma nova investigação rumo às livrarias e cegas de disco de cidade. Lá as livrarias vendem bem. Não sei se existe uma total ausência de censura, o fato é que lá se encontram livros em todas as línguas, tendências, tipos, especialidades, que jamais apareceram por aqui. Recomendamos duas: Pigmallon e El Ateneo. Agora, perca uma manhã e uma tarde e só compre depois de muito pensar e escolher, pois a variedade é impressionante. Quase o mesmo critério pode ser aplicado às casas de disco. Ao entrar numa delas cheguei a lembrar — não sem muita saudade — o meu amigo Carlos Eichemberg, que tanto certeza perderia várias manhãs escolhendo discos de jazz. Para resumir: os editores editam o que querem e as casas de disco e livrarias acabam por importar o que elas não querem editar. Seja feita a vontade do público consumidor.

### CINEMAS/TEATROS

Os Swingle Singers não deram pista alguma da fórmula, mas nos propiciaram bons momentos no Gran Rex. Por sugestão de Flávio e Mariuzinha fomos procurar a fórmula num texto clássico: Caballero por Míngro de Lope de Vega no Teatro Municipal General San Martín. Nada da fórmula, mas uma conclusão: O velho Lope de Vega chega diretamente ao coração do povo, o que de resto é o seu lugar, numa montagem ultra-descontraída, dirigida por Jorge Peragilla, com Luiz Medina Castro e Miguel Ligerio nos papéis principais.

Quem sabe não estaria a fórmula oculta em algum filme? «Leo, the last» de John Boorman. Uma linda fábula com conotações agudíssimas. «Baile de Ilustres», adaptação do livro de Horace McCoy («Mas não

se mata cavalos»), que em português teve tradução de Erico Veríssimo e no cinema tem direção de Sidney Pollak e o desempenho estupendo de Jane Fonda.

Não, a fórmula não poderia estar num filme assim. Estes passarão no Brasil — tudo é uma questão de tempo. Ela teria que ser encontrada, se fosse, num filme que jamais seria visto pelas platéias brasileiras. E lá fomos nós assistir «The revolutionary» de Paul Williams e interpretação de Jon Voight, o mesmo de «Perdidos na Noite». O filme tem um final que enlouquece qualquer um. Foi uma das melhores coisas que já vi em cinema. Mas a fórmula não estava lá. Também em «Mourir a Madrid» a fórmula não foi encontrada. Um poema documentário, maravilhoso e didático, que o espectador brasileiro ainda vai demorar para ver. Uma pena. Frederic Rosaf fez uma obra prima que revolucionou o cinema de montagem. Um filme que valeu a viagem.

### EL CARO 14

A última tentativa em busca da fórmula mágica — que poria fim ao Pato Macho e voltaria a transformar a província numa pacata vila, com todas as coisas no seu devido lugar e todos os seus mitos funcionando regularmente — surgiu quando resolvemos investigar um clube noturno tradicional, onde se pode ouvir a autêntica música «cigdana», o tango.

O ambiente assemelha-se muito ao American Boite dos bons tempos. Aliás, possui mais molho, mais savoir-faire. Não se dança. Se escuta e bebe, se vive o tango. É a casa de maior raiz em toda a Argentina. Por seu palco passam, diariamente, todas as variedades de tango de ontem e de hoje. A consumação não é muito, 25 pesos com direito ao usque. O show é permanente, das 23h às 4h da manhã. O nome: Cafo 14.

Cafo Westphalen foi lembrado três vezes. Lá pelas 4h da manhã, depois de mil tangos tocados, dançados e bebidos, a apresentadora num «tomara-que-caia» estilo 1945, de tamé prateado com fundo preto, anunciou o bandoleonista que é a própria história do tango: Anibal Trailo. Um gordo — não muito velho — rechonchudo, com a cara do avô que a gente sempre gostaria de ter tido, bochechas violeta, mãos ágeis, de jovem, aparece no palco e recebe calorosa ovação. Cutuquei o Luis Fernando e disse:

— Este gordo é que vai dar a fórmula.

Mas fórmula não veio. Veio uma felicidade enorme de se estar vivo e ali, vivendo aquele momento.

«Charlemos, la noche es triste e las horas que pasan ya no welven más» dizia o gordo de seu bandoleón. E nos olhamos e todos num unísono, baixo, pequeno, tranquilizo respondemos cada um a parra cada um: AMÉM.

### A VOLTÀ

Manhã. Aeroporto de Ezeiza, 10h, seis caras cansadas se arrastando pelos cantos. Seis pares de olheiras tomando o avião. Cansação. Sem a fórmula mágica, mas com o dever cumprido.

Chego em casa, me jogo na cama. Vera dorme. O mundo dorme.

O telefone teletoca, outro cara anônimo xingando? Não, é o Nobre. Um alô sonolento. Ele só está telefonando para dizer que o PATO MACHO esgotou outra vez. Uff... o pato ganhou. viva o pato!

Na volta:



O nosso "enfant terrible" ainda meio chateado. Liga não

### EM TEMPO

Pais e mães de família, gente do social e da periferia não se assustem com o otimismo do D'Arrigo. A Argentina anda tão por baixo — em greves, espera de um Peron que não chega, sem Scotta e Chamáco — ao ponto de provocar este tipo de euforia até mesmo em nós, pobres subdesenvolvidos do Brasil. O Pato não venceu, foi subjugado, vocês foram os vencedores só não esqueçam QUE APESAR DE VOCES AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA. A gente — pelo menos eu e o Ferlauto — tentou, apANHOU, mas admitimos o fracasso. (COI LOPES DE ALMEIDA)

Produtos prafrentex tem a marca

# FRITEX®



- CASTANHA DE CAJÚ
- BATATINHAS FRITAS
- AMENDOIM JAPONÊS
- OVINHOS DE AMENDOIM
- AMENDOIM TORRADINHO (ÔSA!)

NOSSO AMENDOIM É SALGADINHO, DURINHO E ETC... EFICIÊNCIA COMPROVADA.

EM TODOS SUPERMERCADOS E MERCEARIAS

DISTRIBUIDO POR:

LOPES & LOPES Ltda. | AV. SÃO PAULO, 361 FONE: 22.77.60

# êsses locutores



## esportivos e suas besteiras maravilhosas

Se besteira pagasse imposto de Renda tinha locutor esportivo por aí descontando tutu maior que o Matarazzo.

Já ninguém no mundo da locutagem esportiva faz questão do aval do Antenor Nascimentos e do Napoleão Mendes de Almeida nas suas letras. Jogos nacionais fossem de futebol, há muito que estariam em Digo mais, se aqueles dois filicão, pois ninguém sabe ao certo neste país o que é filologia, vai daí que a Censura em cima, achando que esse negócio é palavra imoralidade da grossa, indigna para a família que reza unida.

E aí estão eles, certos locutores. Não mais, vocês sabem. É aquela turma que anda carregada com excesso de eufemismos, metáforas (exemplo: «Deus não joga mas fiscaliza»), e pensamentos tipo Mma. Sevilgá, Biblioteca Cór de Rosa. Alô, naturalmente de Malvana (para os gargarejos) e pilulas contra o clistite.

E como falam alguns êsses moços. Como são vernaculares. Mas isso deixa pra lá, essa área intelectual nem é nossa, é do sr. Rubens Hofmeister, orador oficial da FGF.

Qual o mais chato? É dura a escolha. Alguns se decidem por Geraldo José de Almeida, o Valdir Soriano da transmissão esportiva. Além do meloso e puxa-saco flembram-se da referência dele ao presidente Médici? Aquêles negócios de presidente pá quente. Dêle, do Geraldo José de Almeida, esta beleza: «lá vai a lua branca correndo pelo céu do gramado». Aliás, o distinto é um dos maiores poetas do Pacaembu, também. Haja saca:

— Tosião explorando a Rrrrr trivellino... Pelé procurando ao Jairzinho... Clodoaldo vislumbrando a Gerson. Lindo, lindo, lindo!

E disse, senhores. Dura. Nunca ninguém ajudou tanto o escrete na base de neologismo como esse cara, que logo depois, aliás, foi pro brejo na transmissão da luta entre Clay x Frazier.

Mas no México era de ouvir no Jôgo Brasil x Checoslováquia: «Este dia lindo, lindo, lindo, este jôgo contra os bravos e bons tchecos que...» Aí levou uma balta cutucada do Leonidas da Silva: «O, Geraldo, por amor de Deus, essa gente aí é comunista». Ah, meus chapas como foi duro parar na hora que ele já entrava na reta final.

E tem aí o Valdir Amaral, quase sempre assessorado pelo Sérgio Morais, o mesmo que, num jôgo em Porto Alegre, disse que o massagista jogava à guisa na fisiologia de Figuelrô. Valdir também é fogo, embora de pronúncia espanhola irretorquível como vimos nas transmissões do México. Nunca os nomes Cubillas, Villanuevas, Berja e Nuñez foram tão certamente ditos, mostrando sua grande cultura ibérica. Aliás, não apenas nomes mexicanos ou peruanos. O distinto a mais longe e nos dava um show na pronúncia iugoslava. Além do mais, o seu profundo conhecimento futebolístico, revelado no jôgo da estrêta dos brasileiros:

— Joga mal o time do Brasil, certamente atingido pelo fenômeno da altitude. Ué, a terceiro gol do Brasil!

Por aqui, nem conto pra vocês. Na televisão temos o Guilherme Sibemberg, aliás o único locutor esportivo de televisão que transmite futebol de rádio.

Narra tudo tintim por tintim, não dando nenhuma chance para a imagem mostrar. No Instituto Santa Luzia éle é considerado o maior locutor de tele-

visão do Brasil. E ainda tem uma particularidade toda especial, jamais aceita entre Claudiomiro e Sérgio: Quando o Claudiomiro está com a bola, ele diz que é o Sérgio e quando o Sérgio está com a bola éle diz que é o Claudiomiro. Quando metem um gol lá, o atillado Guilherme pergunta ao Renato Cardoso: «Parece que foi fulano, não é? Geralmente o Renato responde: «E, parece que foi». Até que o Angelo Garbaski confirme lá de baixo ninguém fica sabendo quem meteu o gol. Mas há casos do Angelo não confirmar, então a gente tem que saber quem meteu o gol lendo a Folha Esportiva no outro dia.

Enfim, a dupla Alvarenga e Ranchinho da locutagem esportiva dá Piratini é fogo.

Mendes Ribeiro já era. Agora é o «Comentarista de Ouro». Não sei como é que éle topou esse apelido. «Comentarista de Ouro» é funeta, mesmo para a vaidade do Mendes Ribeiro. O distinto ficou famoso por uma frase: «Deus não joga mais fiscaliza» e pela expressão «inobstante», que éle usa aos quilos, falando ou escrevendo. Inobstante Jorge Alberto Mendes Ribeiro foi um bom locutor esportivo, embora seu estilo de narração tipo «doutor-achou-que-sua-senhora-voil-ter-o-filho-agora».

O Euclides Prado é sóbrio, porém colorado doente. Por sinal já saiu de bandeja das sociais do Olímpico. Mas isso deixa pra lá.

Já tivemos por aí o Cândido Norberto, mas o Cândido sempre foi muito desligado nesse negócio de futebol. Uma vez, narrando pela televisão Internacional - Pelotas, berrou lá pelas tantas: «Goolllll. Gol do Pelotas. Toquinho». Uma hora depois desculpou-se: «Perdão, aquêles gol não foi do Toquinho, não. Aliás, éle nem joga no Pelotas». Cara honesto tal.

Sobre comentaristas, o Foguinho tal mesmo. Embora em matéria de vocabulário o do Foguinho seja mais curto que só orçamento de funcionário público, justiça seja feita, éle manja do assunto. Muitas vezes atrapalha-se pra burro, chegando a dizer: «A meia-coxa» do Inter não tem muita capacidade hoje. Mas isso é apenas um lapso e como lapso é a constante do Foguinho, ninguém mais liga. De resto, sua experiência como antigo jogador e como antigo técnico lhe dá a maior autoridade para dizer suas impressões de um jôgo com mais clareza. É até com verdadeira compunção que ouvimos suas experiências observações: «A defesa não toca

com força na bola». «Ari Erclio não deve usar rispidez dentro do área». «O goleiro quando é obrigado a sair do gol, ou sai ou não sai».

O Rui Carlos Ostermann é o excessivamente técnico. Dificilmente se faz entender na «correta», onde, como se sabe, reúne-se uma considerável massa de brasileiros de cor parda. Um entra rachando ali é o Lauro Quadros. O Lauro fala em «sacanage do jogador fulano que deu uma porrada no sicrano» e nessa linguagem se comunica às pampas. O Rui, como dissemos, falando em futebol tem o cuidado e é metódico como um professor de matemática ensinando uma equação. Explica o 4-3-3, o 4-2-4 etc. com profunda religiosidade. A massa, quando ouve, faz sim com a cabeça mas vai se ver, não entendeu burlufas. Igual ao jogador brasileiro. No último jôgo, lá no México, o Zagalo partiu pra essa de 4-3-3, 4-2-4, que sei eu, e os gringos foram lá e encostaram a gente. Aí o Gerson se lembrou que obedece o Zagalo às vezes não dá dólar. O que dá dólar é bola na rede do italiano. Então foi mandando passar a palavra: — Baixa o sarrão. Dito e feito, logo depois a gente tinha colocado a «leonor» quatro vezes no gol dos caras.

Enfim neste assunto acho que estamos conversados. Claro, sem esquecer uma opinião sobre locutagem esportiva, aliás através da própria locutagem esportiva: Jogavam Renner e Cruzeiro. Edson Pires trabalhando atrás de um gol. Numa dessas explica um lance e devolve a palavra ao Cândido Norberto, que era o locutor, dizendo: «Informe «grama» (quando tinha que dizer Brahma). O Cândido impossível de lá: «Então come».

**CARLOS NOBRE**

Foto LUIZ CARLOS FELIZARDO

ACUADO NA SALA DA REDAÇÃO, ONDE, ALIÁS, NUNCA DEVERIA TER ENTRADO, UM PATO SACODE-SE E TENTA PEDIR SOCORRO, NITIDAMENTE CONVENCIDO DE QUE PELO ESVOAÇAR DE SUAS PENAS E DE SEUS SEGREDOS, OS PRÓXIMOS MINUTOS SERÃO POUCO AGRADÁVEIS...

VANDERLEI CUNHA



E... TEM OUTRO PATO NAS BANCAS! E QUE PATO...

# 63

**enérgicas  
variações  
em  
tôrno  
do pato**

**rádio  
continental  
1120 khz  
o som nosso  
de cada dia**



O pato é um fato em si, cuja aparência varia segundo o estado de ânimo de quem o observa.

Sérgio Lockyman diria que sua revolucionária estrutura teve, há algum tempo, uma forma adequada à determinada função familiar, mas que agora, lamentavelmente, encontra-se em franco processo de decadência.

Gilda Marinho afirmaria que o conjunto parece imprestável, mas — não há como negar — permanece completo.

Flávio Alcaraz Gomes talvez o chamasse de «an impertinent bird».

Gerd Bornheim arriscaria uma pesquisa na Biblioteca Pública e o batizaria com o «Grimmelshausen», tentando explicar seu aparecimento na Província a partir dessa palavra.

Mendes Ribello o comentaria inesperadamente e legaria à comunidade sul-rio-grandense a sua expressão imoral.

Paulo Raymundo Gasparotto, após acirrada discussão com Rui Sommer, atestaria que sua forma animal é ilusória. E, na realidade, um homem. Seus pecados é que fazem com que habite aquele corpo espantoso.

Dona Eny Camargo o consideraria «muito vivace, é!»

Darci Fagundes não o entenderia...

Porém, atrás de todas essas constatações eis que um valor mais alto se levanta: esférico, explícito e silencioso ergue-se o pato.

● O pato, assim como o homem, é um animal em dúvida. Não exatamente infeliz. Teve tudo para ser outra coisa — um cisne, por exemplo — e nem deu bola, preferindo trocar a mansidão de lagos e charizais e aquela pomposa cerimônia existencial de seus primos por algo mais compatível com o seu espírito proletário, com sua índole aventureira e viril.

Mas o pato existe e, graças a uma discutível simpatia, tem recebido até hoje certa benevolência da História.



— «Não basta ser pato, não que ser macho! foi uma observação que o impressionou de modo sutil e que, praticamente, ajudou-o na definição de sua carreira. E ele optou vagamente em ser macho. Não apenas em suas peculiaridades anatômicas, como também na inspiração moral, na aspiração política e na conduta filosófica.

Fêz-se rebelde e nasceu reclamando por aqueles que considerou os seus «mínimos direitos», ou seja, os que apareciam garantir-lhe a liberdade de badalar tanto no terra como no céu.

Até os mendigos e as mulheres do povo sabem que o pato constitui um presságio favorável, o que, de antemão, já nos provoca um confesso alívio. No entanto, não figura ele entre os animais reconhecidamente domésticos. Nem sempre é fácil encontrá-lo. Está onde menos se espera. Não se presta a qualquer classificação mais ortodoxa. Não é, infelizmente, como o cavalo ou o touro; como o cachorro, o rato, o tigre, o elefante, o veado. Fica sempre um certo mistério e uma indagação suspeita.

O que é, realmente e afinal, o pato?

Mesmo estando à sua frente, não sabemos com segurança o que é e o que pretende.

Sua forma não inspira grande confiança e sua existência chegou a ser violentamente negada pelo filósofo e homem de ciência Emanuel Swedenborg (1688-1772), que o considerava uma abstração da natureza.



Gustave Flaubert achava-o «poético».

Alguns alcorões chineses do século treze, afirmam que determinadas espécies duravam mais de mil anos; outras, menos afortunadas, desapareciam como que por encanto duas ou três vezes após o seu surgimento.

Quatrocentos anos antes da era cristã, o grego Ctesias, médico de Artajerjes Mermón, já dizia ter visto nos reinos do Hindustão certos tipos de patos silvestres primitivos, de penugem branca, cabeça dourada, alhos azuis e bico completamente negro. Esses infelizes patos, embora fizessem sucesso mercê da riqueza de suas cores, não sobreviveram por muito tempo, sendo logo dizimados por estranha e grave pestilência.

Hathor Wheeler, caçador inglês do século dezanove, afirmou ter visto em Bifrost, região ao norte da Escócia, patos com quatro patas. Como ninguém lhe tivesse dado crédito, até hoje não se descobriu exatamente o que quis dizer ele com as tais «quatro patas»...

Por outro lado, suspeita-se — e não sem certa surpresa — que o aparecimento do pato entre os seres humanos remonta à primeira metade do século quatorze, tempo em que — segundo a mitologia — o mundo dos animais e o mundo dos homens não estavam, como agora, incomunicáveis.

Já no século dezoito, o psicólogo alemão Gustav Theodor Fechner (citado por William James na obra «A Pluralistic Universe»), esboçou uma curiosa teoria sobre a conformação óssea do pato, a qual ele

Reduziu o simples parasita do reino animal, perambulou pela fossa, resignou-se e resolveu guardar silêncio até que a situação se esclarecesse.

Quarenta anos depois, como as coisas continuassem na mesma e tendo chegado à conclusão de que nada havia para ser explicado, tomou uma atitude de macho e, não sem muito custo, saudou a aurora e o pôr-do-sol com meia dúzia de quadras insignificantes.

Não demorou muito para que recuperasse todas as suas forças e compreendesse, finalmente, que o pato é o homem do próprio pato, o qual é bom e justo por natureza e patati patatá...

Estima-se em dois milhões e trezentos mil o número de patos sacrificados por Fechner para que a tese chegasse a ser provada, o que nunca aconteceu em virtude da acentuada miopia do sábio, que sempre errava num ou noutro cálculo.

Mas o pato, naquele seu encantador movimento circular sempre espontâneo e voluntário, parece concordar e absolver.

Outros metafísicos de renome, como Scholem, preferem — amparados por sensível prudência — ligar as origens dessa ave às próprias origens das ideias e do conhecimento humanos. O pato, por conseguinte, deixaria de ser apenas uma mera questão zoológica para vir a significar, também, uma noção abstrata de consciência.

Quando, porém, teria ele experimentado a delicada transformação de objeto estacionário para objeto móvel?

Avançando cautelosamente em direção a uma das hipóteses — aquela que declara ter o pato começado de um simples ponto negro, — descobrimos sem esforço que, no princípio, ele trinava como um rouxinol e de seu bico aberto saía um apaixonado canto de alegria ao qual nenhum imperador,

marajá, príncipe ou mandarim resistia. Mas isso não durou muito. E foi então que um terrível castigo sobreveio à espécie e o pato perdeu instantaneamente todas as suas habilidades.

Em toda a sua desorganização de precisão, dista, à esquerda, a dois segundos de uma fugaz eternidade e, à direita, a dois metros da margem de sua insegurança. Ao sul, limita-se com algumas extravagâncias e, ao norte, expande-se em diminuta crença no dia de amanhã.

Por mais que se afaste de qualquer uma dessas direções sempre permanece a dois centímetros da infiel companheira.

Veze que outra torna-se meio desligada, mormente quando se conscientiza do fato de estar a dezoito mil anos-luz de qualquer conjectura.

Foi computada entre os maus. (Mc 13, 25-35).

Dispõe de energia própria e gira ao redor de si mesmo a uma velocidade média de quatorze segundos e vinte e dois minutos e dezessete horas. Em virtude dessa anomalia quase nunca se encontra. Mas não perde grande coisa.

Arbitrariamente, divide-se em duas partes: a nova e a velha. Como ambas se caracterizam por bochornenta monotonia, admite que o considere como um «tudo medíocre»...

Detesta que o acerquem ao hermafroditismo dos gansos e ao homossexualismo dos cisnes, embora confesse-se feliz em que o aproximem ao máximo ao heterossexualismo das patas...

É um refinado canalha!

Apesar de proclamar-se muito macho, principalmente quando em situação de pedestre no cruzamento da Santo Antônio com a independência, gaba-se narcisticamente da glória de ter sido cantado por João Gilberto mais de um milhão de vezes. É claro que não deu

É deslavado cínico!

Em toda a sua desorganização de precisão, dista, à esquerda, a dois segundos de uma fugaz eternidade e, à direita, a dois metros da margem de sua insegurança. Ao sul, limita-se com algumas extravagâncias e, ao norte, expande-se em diminuta crença no dia de amanhã.

Por mais que se afaste de qualquer uma dessas direções sempre permanece a dois centímetros da infiel companheira.

Veze que outra torna-se meio desligada, mormente quando se conscientiza do fato de estar a dezoito mil anos-luz de qualquer conjectura.

Foi computada entre os maus. (Mc 13, 25-35).

### 63 ENÉRGICAS VARIÇÕES EM TÓRNO DE UM

Descansará no sétimo e abaltrá o minuto de silêncio.

É um vaidoso herdeiro de si mesmo e uma inquietante testemunha, apesar de sua predominante cor branca traduzir humildade e benevolência.

A exemplo de George Bernard Shaw, acha o bridge uma doença mental.

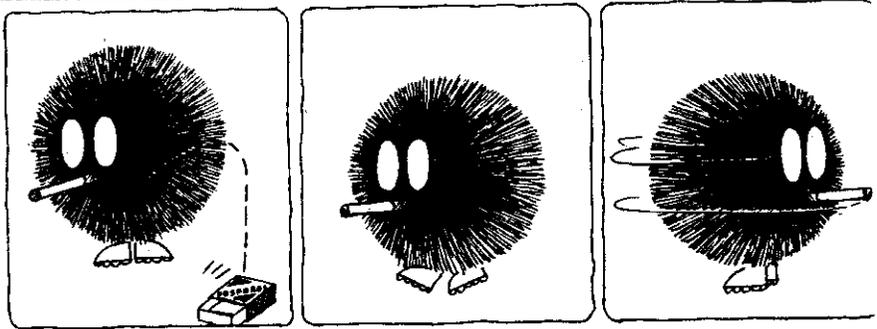
A imaginação popular o vincula às nuvens à chuva e aos vendavais. Inúmeros psicólogos têm buscado a origem desse mistério com incômodo afincio, mas nada descobriram a não ser que o pato é um ser às avessas, que constrói sua vida de trás para diante, não lhe importando saber onde vai e sim onde foi...

Paracelso, alquimista, e médico suíço do século dezanove, dividiu-o em quatro entidades distintas: corpo, alma, inteligência e espírito. De pato, naturalmente. Cada uma dessas entidades possuiria quatro significados: o literal o alegórico o moral e o analógico. Todos infinitos, como as manchas de seu rabo.

Represento invocar surtos de modéstia quando o comparam a qualquer dos grandes personagens da vida brasileira, como, por exemplo, Clóvis Bernay, Paulo Airan, Evandro de Castro Lima, Taiguara e Cauby Peixoto.

Na Idade Média, sua simbologia é contraditória, mesmo porque, segundo as más línguas ele existia ainda, sendo um mero pressentimento.

Foi aquela cara de paterna que algum idiota lhe deu, finge acreditar na imortalidade da alma e passa os dias mentindo a si próprio que resurgirá das cinzas e que só desaparecerá cinquenta anos depois que a espécie humana se extinguir.



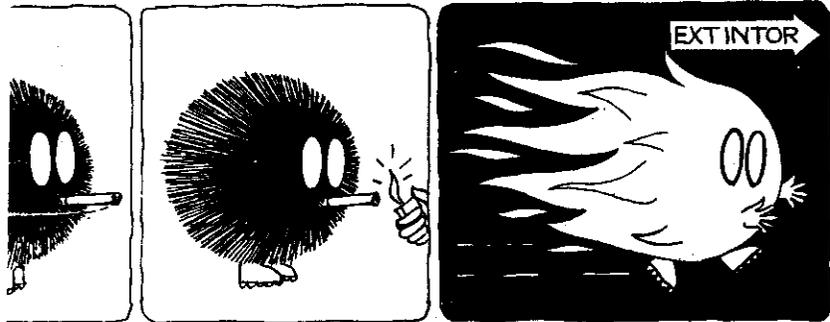
## BIXOXIM FIR



Um bastardo italiano e comporo ao demônio.

O pato não tem inimigos, ou melhor, tem apenas um: o seu inventor.





## o FIRE teobusch

o sétimo e  
uto de silên-

herdeiro de  
ia inquietante  
de sua pre-  
nca traduzir  
volência.

George Ber-  
cha o bridge

popular o  
vens à chuva  
Inúmeros psi-  
do a origem  
om inconfi-  
descobriram a  
o é um ser ú-  
strói sua vida  
e, não lhe im-  
aonde, vai e

quimista, e mé-  
o século de-  
em quatro en-  
corpo, alma,  
rita. Da pato,  
ida uma des-  
ssuária quatro  
eral o alegóri-  
nalógico. To-  
o as manchas

invocar surtos  
quando o com-  
r dos grandes  
vida brasileiro,  
xio, Clóvis Bor-  
n, Evandro de  
guara e Cauby

Aédia, sua sim-  
contraditória,  
segundo as más  
ia ainda, sendo  
timento.

● Um investigador alemão, doutor Richard Henning, também o acusa de ser maligno, cujos olhos distam noventa graus um do outro apenas, para significar impossibilidade ou incongruência.

● O pato irrita a lógica e, apesar de suas contradições mortais, vive em harmonia dentro de suas cinco paredes.

● Psicologicamente, é indolente, embora chore quando alegre e ria quando triste. Por isso, é acusado também de «gentileza da ambigüidade e da corrupção». Aliás, não é à toa que o seu plural — Patos — entra em jogo com a própria felicidade humana.

● Aparentemente saudável é o pato portador de inúmeros desequilíbrios internos, como síncope diárias, derrames minúsculos, pedregolhos, quimangas, chumocetes, estomites e outras enfermidades de fundo nervoso sempre à toa, como patofobia (o medo que ele tem dos homens e vice-versa), patogênese, patognomonia, patogenia, patonomia, patogenesis, etc., etc.

● Com tantos perigos rondando permanentemente a sua área de segurança, não lhe é nem por suposição constrangedor o fato de falar, raciocinar em êxtases, gritar freqüentemente por socorro e exprimir seus pensamentos em forma aristotélica e linear, como qualquer animador de televisão ou rádio.

● Grande parte das pessoas jamais o ouviu sequer bater os dentes e duvidam que ele consigo falar sem dizer besteira. Por isso, erroneamente,

essas pessoas baseiam sua opinião em falsas declarações de terceiros.

A voz do pato é tradicionalmente interpretada como — «uma sucessão de guinchos bichêrrimos e sem nexos». Coisa sem dúvida ridícula e até embaraçosa para um pato que se preza, como é o caso deste aqui. No entanto, é bom que se esclareça que nem todos os patos falam realmente como devem. Alguns desafinam.

● O Pato Macho, por exemplo, costuma falar grosso por uma questão de oportunismo, embora, às vezes, goste de afirmar que fala grosso por uma questão de caráter, natureza, etc. É claro que não tem a mínima culpa por ter nascido macho. Ou de ter sido dado macho.

● Charles Edwige Dodgson, matemático e escritor inglês do século dezenove, mais conhecido como Lewis Carroll (autor de «Alice no País das Maravilhas»), fez, em uma de suas obras, rápida menção a uma terra habitada unicamente por patos. Não é, seguramente, uma grande descoberta, principalmente quando sabemos — e diga-se de passagem, desde tenra idade — da ensolarada existência de Patópolis, uma cidade — segundo aqueles que já a visitaram — encantadora.

● Modernamente, os tratados científicos classificam o pato como sendo um bípode da família dos Anátidas, ora em terra, ora na água, dependendo da sombra. A preguiça o tornou agudo observador da natureza e é com indistinta convicção que diferencia uma pedra de uma árvore.

● Em sendo um bípode, movimentava-se com relativa facilidade por charcos, piscinas, lagoões, orrisos e cachoeiras. — Também aventura o asfalto e através dele chega a todos os lugares da moda, como o Rancho Alegre, Confeitaria Rocco, Café 35, Restaurante Dona Maria, Churrascaria Boi na Brosa, não lhe sendo difícil imitar com espantosa perfeição a seus irmãos humanos, conseguindo ultrapassar com elogiável dignidade as colunas sociais do Diário de Notícias e passando despercebido até mesmo em kerbs, festivais de chope, concursos de misses, reuniões-danças, churrascos de confraternização e em recepções de clubes e sociedades tradicionais, como Casa de Espanha e União Beneficente Caminho do Meio.

Não aparecer é para ele uma dádiva irônica, pois se acha mesmo um tímido.

De tempos em tempos, porém, gosta de sentar-se à mesa de um discreto restaurante e conviver com meia dúzia de novas amizades. É nessas ocasiões que, após dois litros do reconfortante «Cabeça de Touro», torna-se comunicativo e começa a desfiar certos refrões de longo alcance, como o sábio — «Quem com pato fere com pato será ferido...», o malicioso «Nada como um pato depois do outro, depois do outro...», o dúbio «Escreveu não leu, o pato comeu...» e o reflexivo «Cada pato no seu galho», os quais calam fundo aos seus pais de sarau.

● Fotografado de frente, revela-se desajeitado e cafonado. De perfil, não chega a ser um desastre, mas deixa muito a desejar. De cima, perde parte daquele seu efeito patético. De baixo, é definitivamente imoral e, de costas, insinua-se inútil, desnecessária e ausente.

De bruços, então, é alarmante!

● É nocivo à ordem estabelecida, pois conspira. Contra o que ninguém sabe, mas que conspira não resta a menor dúvida.

● Vários patos reunidos redundam numa patata, quase sempre dissolvida a sósos e patadas. Um patudê!

● Seu cantor predileto não é exatamente Vicente Celestino, mas erica-se de emoção ao presenciar por este os sentimentais acordes de «A Patativa»...

● Suas patas, isto é, seus pés e não suas concubinas, são uma interessante experiência. — Nada mais prática para andar sobre a bem e o mal, deslizando de leve e compassadamente por sobre os detritos da sociedade de consumo.

Alguns vândalos (não nos incluímos nesse rol), boateiam que aqueles patões em forma de leque imperial japonês foram inventados por algum neurótico que não suportava ver uma ponta de cigarro acesa no chão.

● Sua penugem é uma glória. Poucas aves ao longo da História merecem semelhante privilégio.

Embora não pareçam atraentes à primeira vista, essas penas são incrivelmente sofisticadas. Se tocadas com o terceiro dedo da mão esquerda, darão a impressão de pura sãda dinamarquesa tal a sutileza das penas de que são constituídas.

Se tocadas, porém, com o quarto dedo da mão direita, sofrerão uma espécie de impulso e farão com que o pato entre em perigoso estado de excitação. Cuidado! Se tocadas, por

outro lado, com a mão cheia, denotarão um certo estôfo que lembrará e muito aqueles gordos colchões da Renascença Francesa. Se tocadas com as duas mãos cheias, farão com que o pato desconfie solenemente de suas intenções e tente escapular. É de bom alvitre afastar-se logo e não esperar pela chegada de Dona Palmira Gobby e nem pelo palavão que certamente se elevará aos ares.

Em caso de dano à penugem da ave, você «payerá les pots cassés», isto é, você pagará o pato.

● Seu rabo é tão gracioso e elegante quanto o de se reia, o que, às vezes, o deixa um pouco deprimido. Mas logo se recupera e lembra que um rabo não é um acontecimento tão transcendental assim na vida de um pato. Não é, afinal de contas, um dado decisivo, embora em certas outras espécies o seja.

● Seu péscopo não é um cálculo perfeito e, por isso, quase nunca aparece.

● Sua expressão facial dá o impressão de tédio permanente, mas isso é apenas para despistar os repórteres, os chatos, as bichas e o Imposto de Renda. No interior de sua insignificância, oscila entre o discretamente alegre e o ruidosamente triste.



Avisada pela Beneficência Portuguesa, isto é, pela Divina Providência, Lula sabiamente compreendeu que um pato com boné, quepe ou chapéu seria uma atitude compensadora à estética quase falida da espécie (vide declarações preliminares). Algo assim como aquele trema na palavra «pingüim» ou como aquele circunflexo no verbo «empátter», ou como aquele furinho no queixo de Agnaldo Rayol.

E o lápis girou os tradicionais cento e oitenta graus e pato fez-se, desorientando, a princípio, alguns dogmas genéticos e determinados regros até então imutáveis, como aquela que reza que um pato deve nascer, procriar e morrer e só. Acabou tudo.

● O pato é um acontecimento demasiadamente profundo no status-quo do regime parlamentar, para que não se lhe exijam outras edificantes tarefas além daquelas monótonas de nascer, procriar, dar um quaquá no sábado, outro quaquá no domingo, trabalhar em Hollywood e depois morrer afilto Dona Lidia Moschetti. Dopo Morire?

Seria um desperdício e aqui, humildemente, sopramos um dardo venenoso no umbigo do Criador.

● Nós achamos — e paralelamente a esse «achamos» já nos encontramos suspensos das três gigantescas cortezas — pantofeiras — que o pato merece a oportunidade de ser útil à sociedade e contribuir para o seu inevitável progresso, no qual a sua efígie de prosperidade nos negócios haverá de se propagar cunhada em milhares de falências, concordatas e penhoras...

● O pato é apto? (I)

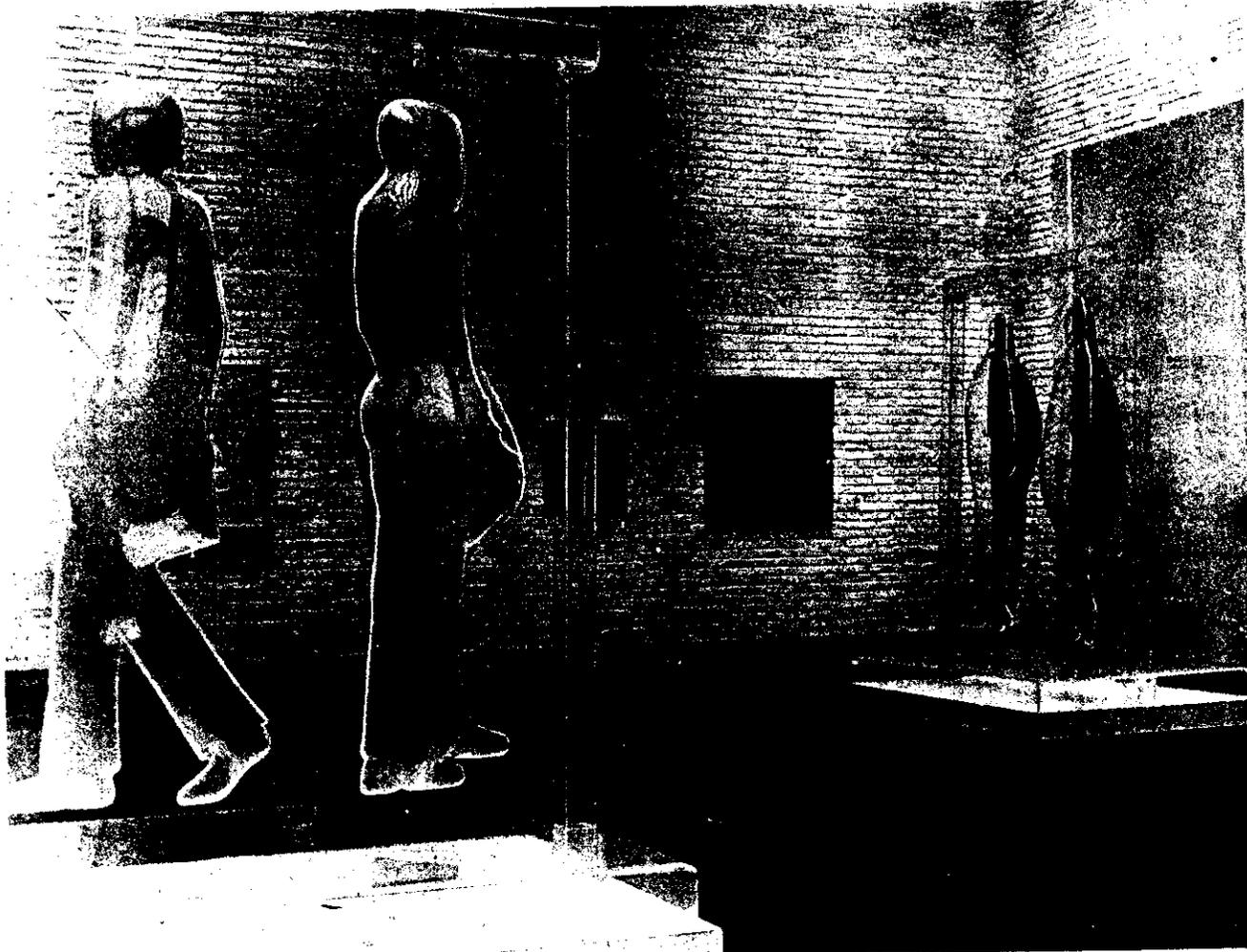
● O pato é apto. (II)

● Teóricamente, é apto para os grandes e pequenos serviços, embora dê prioridade aos médios.

● Pode ser crítica de cinema, repórter policial, entregador de gelo, censorista, professor de História da Arte, reitor acadêmico, vendedor de perfumes, cartógrafo, decorador, barman, showman, colecionador de antiguidades, líder de um grupo de homens e, por que não?, dono de jornal.

● Somos — e paralelamente a esse «somos» já nos sentimos dominados por intrigante acesso de dúvida — irremediavelmente progressistas e achamos, também, que um pato, por mais estúpido que seja, não poderá e não deverá continuar preso àquele ultrajante movimento de quadris que consagrou tantos e tantos amigos nossos ao longo dos paralelepípedos de Andradas.

● Um pato tem que ser macho e, ao mesmo tempo, digno. Não passar pelo vida apenas patando e andando com aquele olhar de desprezo pela sorte dos que o seguem e pelo azar dos que o comem e o querem bem morto. Acaba indigesto.



## testimonio 70

JOSE MARIA IGLESIAS  
Especial de Madri

A exposição -Testimonio 70- está se constituindo na mostra mais importante da temporada madrilenha. Temos em conta que é uma exposição selecionada pela -Dirección General de Relaciones Culturales- e destinada a ser exibida em numerosas cidades europeias. Contém obras de dezoito artistas e, em tão reduzido número ficaram excluídos outros criadores que algumas pessoas gostariam que ali estivessem. O panorama artístico espanhol é muito amplo a selecionar dezoito artistas atuais que unam ao avanço de seus supostos estéticos uma grande qualidade e ao mesmo tempo tratar de adivinhar nestas obras e autores sua vigência futura, não é empresa fácil. O certo é que, — e me esquecendo que minhas obras foram selecionadas, — me parece que o acerto presidiu a eleição, e o resultado é uma excelente exposição. Na sala principal do Museu Espanhol de Arte Contemporânea.

Do dia 2 ao dia 7 de março teve lugar em Madri um Simpósio Internacional de Arte, que reuniu críticos e especialistas de mais de vinte países, e durante todos estes dias tiveram bastantes contatos e examinaram os múltiplos problemas da arte de hoje. -Testimonio 70- foi visitada e elogiada por estes hóspedes especializados.

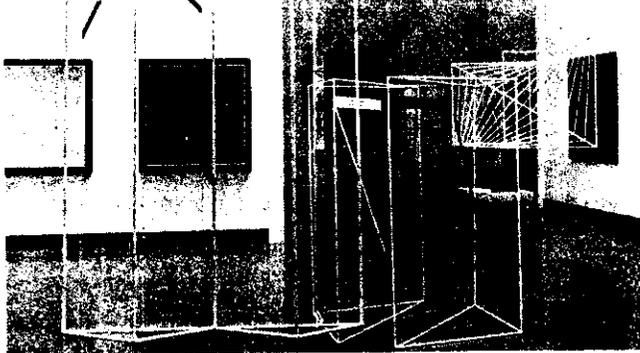
JULIAN MARTIN DE  
VIDALES/Madri, 1931

Vem pesquisando já há anos de maneira muito pessoal, o trabalho sobre o couro. Sua evolução passou desde um expressionismo extremo (obras em que os pés dos animais mostrando o couro ao natural); até suas obras atuais nas quais o couro aparece trabalhado com brilhantismo. Apresenta algumas obras nas quais joga com planos que são suscetíveis de ser integrados em diversas posições, combinando-se entre si e se obtém deste modo várias versões com os componentes de cada obra.

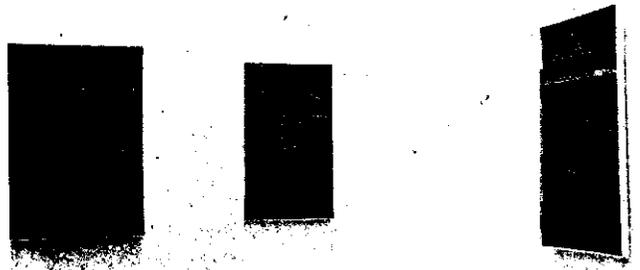
DARIO VILLALBA/San  
Sebastian, 1939

A obra brilhante e completa deste artista participa da era técnica e da temática que as condições que nosso tempo tem se tornado quase lugar comum em muitos artistas jovens, isto é, a crítica da realidade cotidiana. — Trabalhando com plexigláss, realiza uns corpos humanos dentro dos quais podemos ver, feitos com rígidas estruturas pintadas, uns personagens em atitude de caminhar que, naturalmente não vão a parte alguma, encerrados em si mesmos, distantes de tudo que não seja seu mundo próprio.

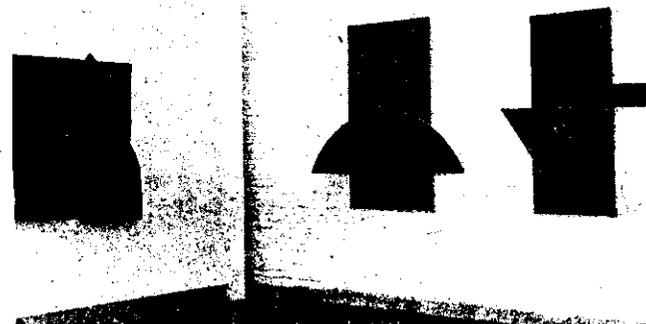
Pedro Garcia-Ramos/Plásticos



José Maria Iglesias/série Elucidaciones



Julián Martín de Vidales/obras sobre couro



A alienação, a retificação destes mesmos processos alienatórios, etc. encontram sua imagem nestas obras.

**IGNACIO YRAOLA/**  
Barcelona, 1928

É outro dos artistas espanhóis que incorporou elementos «pop» à sua criação. Sua obra desde muitos anos vem sendo realizada com madeira. Isto é, trata-se de um escultor-pintor, segundo certa terminologia utilizada entre nós artistas. Incidindo, arrancando, trabalhando seu material, Yraola tem conseguido uma expressão muito pessoal. Desde muito incorpora objetos, o que dota sua obra de um poder crítico e satírico mais eloquente. Entre suas obras apresentadas nesta mostra está sua «Guarita para vigilância das artes, das letras e de tudo mais», autêntica guarita de sentinela, que alude à censura.

**PEDRO GARCIA-RAMOS/**  
Huelva, 1942

Está presente com três esculturas realizadas em metal e plástico. São obras de estrutura muito bem projetada, nas quais a transparência do material contribui para a criação de espaços físicos e espaços ideais, criando a sensação arquitetônica, que é constante da obra deste artista.

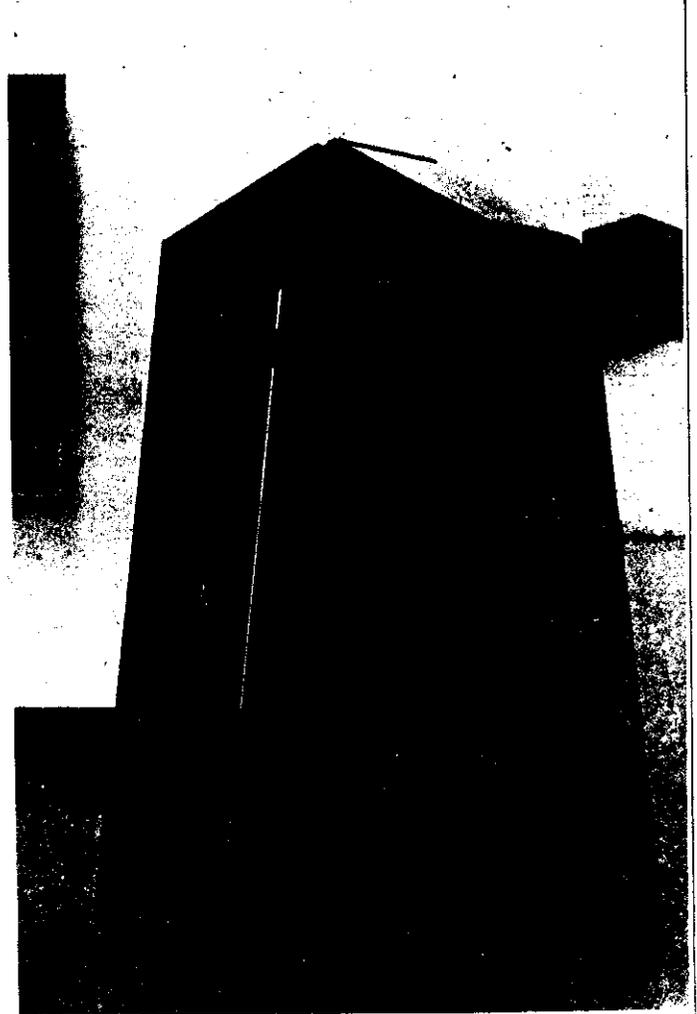
**JOSÉ MARIA IGLESIAS**

Quanto à minha participação vou limitar a reproduzir o breve escrito que entreguei para o catálogo da mostra: «Falar (ou escrever) do que um está fazendo tem sempre o perigo de falar (ou escrever) do que uma pessoa quisera ter feito, ou crê estar fazendo. A arte deve ter nascido no dia em que o homem pré-histórico se deu conta que os bons caçadores caçavam mais que os bons pintores. Isto é, que os símbolos e imagens pintados para favorecer a caça, a pesca ou a guerra, pouco serviam. Para conhecer um bom caçador bastava contar as peças (ou ver o monte, antes de sabermos contar), mas para distinguir o bom pintor, como fazer? Esta dúvida persiste ainda hoje.

Parece-me evidente que existe uma arte de elucidação no que o artista põe, ou se põe, em claro analiticamente, e outra na qual o artista desencadeia no campo de batalha de sua obra o conflito de sua subjetividade e o exterior. A mim me ocorre as maiores certezas, as maiores dúvidas; por isso creio mais, que a «obra-comporte autodestruição, do que ansia de eternidade.

Minha obra atual é (ou creio que é?) uma intenção de elucidar. Elucidar o óbvio».

Ignácio Yraola/Guarita para vigilância das artes



**QUAL O FUTURO DA ARTE MODERNA**

Cinco linhas sobre o futuro da arte, Ferlauto. Tu tá é louco. Bem em todo o caso lá vai: Se durante séculos pensou-se que a arte era um círculo herméticamente fechado a evidência do novo tempo veio provar que já não existem barreiras. A arte está sob o signo do consumo, aliás como tudo. A própria contestação na arte está sob o signo do CONSUMO. Nosso tempo antepõe ao velho uma arte desacramentada e participante (os ortodoxos serão enterrados, respeitemos os mortos). Não existe mais arte ou só existe arte? Uma pergunta. A experiência artística hoje é total, ninguém pode ficar de fora. Para o futuro mais rebeldia de que formas não sei. Ela vai acompanhar tudinho. Porque não falarmos no futuro do homem se tudo no fundo cruza. Tá meu filho, 11 linhas. Chega. Não vai querer fazer o jornal nas minhas costas.

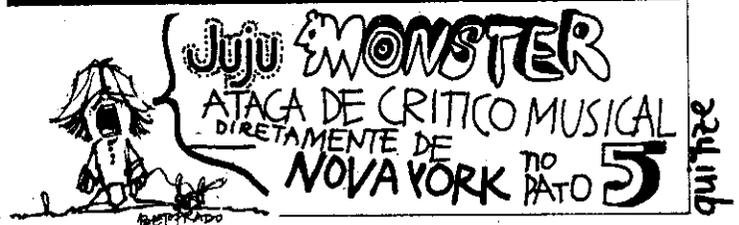
Juro que não vou citar McLuhan, mas as artes plásticas escapam da bitola litero-linear que, segundo o homem que eu não ia citar, determina toda a cultura do ocidente desde que o gutem bergueou. E por isso também escapa da ruína dessa cultura. Mas tem que escapar para a rua e não ficar se achando contra as paredes dos museus. Todo museu é como pirâmide, um túmulo com hipertireoide.

**VERISSIMO**

**FERLAUTO**

A arte-moderna tem futuro?

**RENATO D'ARRIGO**



quinte

Rio Grande do Sul dia 14



# VAUVAU

Outra ilusão que vai por terra! Foi assim. Eu brigava com quem não concordasse que a Cristiane Legrand, solista mais freqüente dos «Swingle Singers», tivesse a voz mais bonita do mundo. Uma voz quente, hormonal, daquelas de arrepiar até os cabelinhos do pé. E é claro que imaginava a dona da voz no mesmo nível. As fotografias do conjunto não confirmavam nem desmen-

tiam a minha certeza de idólatra. E eu, iludido, fantasiava a minha paixão. Ela não era muito alta nem muito baixa. Bom corpo.

Enrugava o nariz quando ria, o que era freqüente. — Mas tinha suas tristezas, seus mistérios. Boa no omelette e na cama. Aliás, era virgem. Não. Bobagem. Tinha um filho chamado Marcel que morava com os

pais dela em Aix au Provence e lhe mandava cartões com desenhos coloridos, que ela pregava na parede do quarto. Seu maior prazer era ler as estórias do Tintin na cama, ouvindo Bach e comendo azeitona preta. Tinha, o quê? 22 anos. Nos amávamos.

Em Buenos Aires descobri que a verdadeira

Christiane Legrand é alta, magra, mais para quarenta do que para azeitonas na cama, e com um certo ar de tia solteira da gente, suspiro e reticências. Agora só falta me dizerem que John-ny Weismuller, o melhor Tarzan de todos os tempos — ou não foi? — é bicha.

VER ISSIMO

## TURISMO



Gramadó é bom no inverno umas pivicas. Com o frio que faz, na noite que eu dormi lá cai da cama e quebrei o pijama. C. NOBRE

SE VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR O ARMAZÉM RIOGRANDENSE, FELIZARDO, E JÁ SENTIU QUE A TURMA LÁ AS VÉZES COMEÇA A SE COMPORTAR COMO ENLATA DOS ESTRANGEIROS — FRIOS E SUPERIORES — EM VEZ DE SIMPLEMENTE VENDE-LOS, EXPERIMENTE MUDAR. É MUDE PARA O ARGUS, O EX-BAR DA PRAÇA JULIO DE TANTOS SOBRESSALTOS E MEMÓRIAS. O ARGUS TEM TUDO QUE O RIOGRANDENSE TEM. AS VÉZES FACILITA NO PREÇO E — O QUE É MAIS IMPORTANTE — LÁ PELO MENOS FINGEM QUE É UM PRAZER SERVIR. NADA COMO A COMPETIÇÃO PARA A TURMA APRENDER. (LFV)

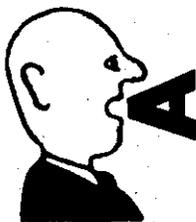
A Gloria.



TATATAS FRITAS

Meninada, ligeiro para o Kikão. É lá o único lugar do mundo, que tem parquente com tatatas fritas. E o preço é convidativo. Como o do Pato Macho.

POIS É...



CEUS! MON DIEU TERA' SEU 3º ENTARTE QUANDO OUVIR O RELATORIO...

## O MILAGRE GAUCHO

Tal o PATO MACHO no seu 4.º exemplar. Exemplar meninada! Quem não acredita ainda, trate de fazer um curso intensivo de pensamento positivo. Mas não é nada disso o que eu queria dizer: a imprensa underground americana é fogo. Recebemos agora um exemplar de «fre-press» chamada «The Willage Voices» que, surpreendand-se, tem 96 páginas. Imaginem um Pato com 100 páginas, que rebolço na provincial Odette Galvão.

## NOVELA

Depois do tremendo sucesso que conseguimos com IRMAOS BOBAGEM, a obra máxima de Nilus & LFV, alcançando 99% até a família D'Arrigo, por preconceito não participou, são intelectuais partitimos pra outra. Com roteiro de Carlos Nobre, um grande elenco, dirigido pelo Antonio Alelo, estará em nossa páginas apresentando O CAFONA. Qualquer semelhança com o presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Rubis Hofmeister, é mera coincidência.

## MC LUHAN

Está nas bancas da provincial o «War and Peace in the Global Villages», traduzido, com todas as ilustrações do original Bantam Book. Como todas as coisas este livrinho chega com dois anos de atraso. Décio Pignatari, o papa das comunicações, já usava este Guerra e Paz nas suas aulas da ESDI em 1969. Você o encontra nas boas livrarias da cidade, em especial, peça ao Alexandre da Kosmos nosso homem, nos lançamentos editoriais. (C. F.)

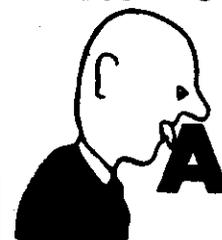


É o disco do John Lennon esta vendendo... e como vende!

## VIAGEM

O Renato D'Arrigo foi a Buenos Aires mas não viu nada. Esqueceu dos óculos. (Coi Lopes de Almeida)

© PESSOAL... TÁ



dezares

# TRANSAS

Pois aí é que tá

O Massachusetts Institute of Technology acaba de afirmar que, apesar de toda a moderna tecnologia ter abrangido desde a fissura do átomo aos passeios pessoais à luz, as maiores criações do homem continuam sendo o cabo do guarda-chuva e a latrina doméstica. A última, principalmente. Para se dar uma idéia de sua importância, basta o leitor, inteligente como é, imaginar que ela ainda não tivesse sido inventada.

Charles, O NOBRE

## PONTOS CARDEAIS EXTREMOS

O homem e, vale dizer, sua experiência estão limitados por uma geografia. A geografia é um dado físico, não mental, mas é um dado, como diria o Ostermann. Assim, eu, homem - experiência - geográfica tenho os seguintes pontos cardiais extremos: ao Norte, Londres; ao Sul, Bariloche; a Leste, Florença; a Oeste, Bariloche agaln.

Mas nem só de geogra-

fia vive o homem. Felizmente, a viagem maior é sempre a da imaginação e a menor nunca deveria ter sido a do estômago — (que Deus o conserve suprido). Aliás, neste departamento, meus pontos extremos são: um martini seco no Harry's bar em Firenze, uma paella no Don Curro em São Paulo, uma sopa de kósses na casa de minha avó, 22 anos passados, em Pelotas, e quatro pastéis de Santa Clara na Doçaria Martha.

Levando a coisa para o futebol, eis meus extremos: Gilmar, Nilton Santos, Bauer e Heleno.

Na literatura, os pontos cardiais seriam: Ovidio na poesia, Brecht no teatro, Malaparte e Mailer em não-ficção, o velho Eça na ficção.

Apanharam a idéia? Os pontos cardiais extremos não significam que sejam, por definição, os melhores.

São, exatamente, os extremos.

Agora a proposta. Que gente como o Luis Fernando, o já citado Rui Carlos Ostermann e tantos outros declarem aqui no jornal os seus pontos extremos, começando pelos geográficos e derivando por outros. Que os leitores (escravo, logo existem) mandem também os seus. Formaremos uma galeria capaz de dar a definição extensiva dos sujeitos.

HARRY SABUCCOSA

## CORRESPONDENCIA

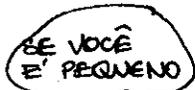
Recebemos do sr. Hugo Hoffmann da Mercur Publicidade uma carta-crítico-construtiva. Ele enumera três pecados capitais do Pato no seu 1.º número: impressão off-set (acha que a tipográfica daria mais relevo ao Pato), e as emendas à tinta nos textos definitivos; excesso de desenho, contrariando as melhores técnicas publicitárias do mundo; e, os anúncios que não refletiram a linha que o jornal pretende adotar.

Críticas recebidas e computadas. Em discussão!



## BOATE

A boate Caracol tem todas as bebidas, ao contrário das casas mais finas da cidade. E tem, luz negra, disco selecionado, salgadinhos, galetos e churrasco. Se não tem, ou melhor, não temos o enderço. Os preços são convidativos. Pegue um pato bem macho e vá lá conferir. OK?



DA B TEATRO DO CSI SEM DIANTI.

## BARRIQUINHO

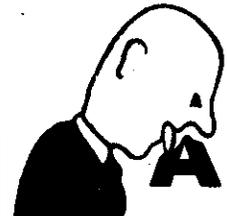
Fica na Cristóvão Colombo, logo depois da Ramiro pra quem vai, portanto antes dela pra quem vem. A casa é do Zé Mauro e do Guigui. Especialidade que ninguém deve perder da sua cozinha: «filé com frescuras». Genial. O prato foi inspirado no juiz Armandinho Marques, portanto, frescuras elevadas ao exagêro. E só comer... o prato, claro.

## MC LUHAN/2

Nas minhas mãos o COUNTER BLAST do comunicólogo Marshall Mc Luhan. A meninada mais desligada vai gritar: cafona! O livro é meio pró cafona, coisa pra agradar Tatatas e Pimentéis da cidade. Mc Luhan desta vez não vem acompanhado nem pelo Quentin Fiore, nem pelo Jerome Agel. O livro é programado visualmente por Harley Parker. E recebi via Pôrto Rico, de Regina Silveira e Julio Plaza. Um livro diferente, um livro de brincadeiras. Esperem dois anos e verão. Prometo. Cláudio Ferlauto

## BANCO

O Banco mais pro frente do portinho foi fundado em São Paulo no ano da graça de 1889: é o Banco do Dido, no José Montauri, antes do Borges. Difícil de achar mas fácil no ser atendido.

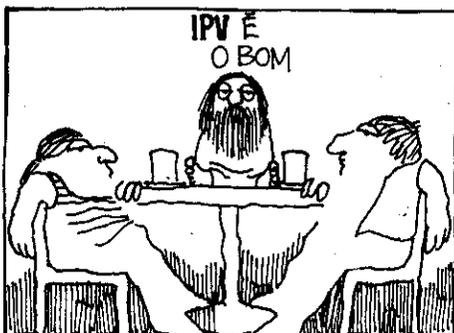


DEVORANDO O PATO!

Esse daí, já tá na letra A da palavra macho. (CF)

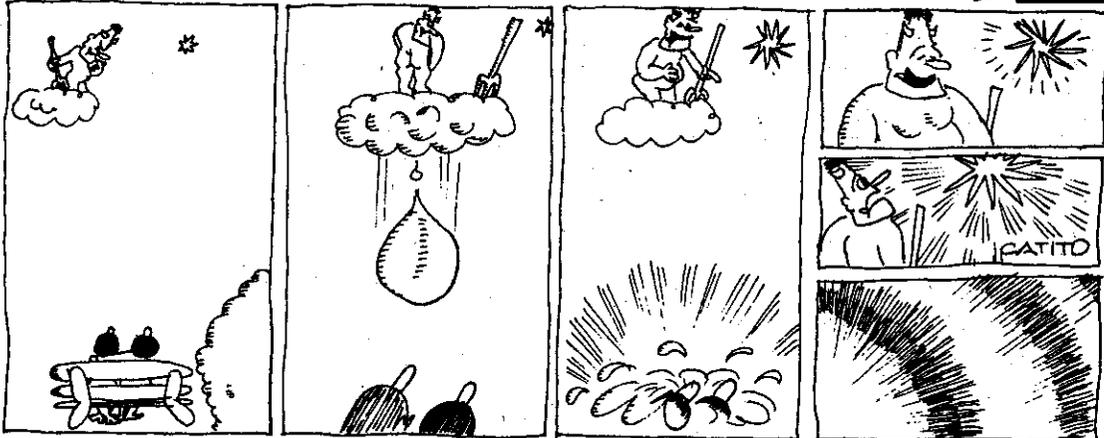
## COLABORADORES

Anônimos ou não-anônimos, endereçar correspondência para Av. José Bonifácio, 595/Pato Macho. Estamos planejando abrir espaços especiais para colaboradores, independentemente de pistão com qualquer elemento da turma, Textos, contextos, desenhos e elocubrações em geral são aceitas. Não devolvemos originais. Busquem no enderço acima quando quiserem.

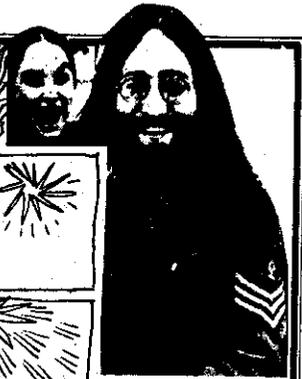


dezessete

# RUSSO



John, tu gosta de cabeludo?



John ri. (PONTO)  
Ri por baixo.  
(No próximo Pato). Ri por baixo do CATITO.  
Dr. Milton, meu esta me foi legal. (C.F.)

## LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO



# OPINIÃO

CLAUDIO FERLAUTO

Acordo e discordo. Ponto final: quero meu suplemento rural do Correio do Povo, não aguento mais a Zero Hora! Nem a Fôlha, nem o Diário. Ah! Bons tempos em que lia Hilário Honório e Nelson Rodrigues sem ser incomodado por nenhum trobeteiro jovem. E domingo então? A massa italiana com galinha assada e vinho da colônia, ou aquele churrasquinho, e depois? Depois, a certeza de encontrar nas páginas do Diário e do Correio de domingo o paliativo para todas as frustrações da semana: leitura farta, bem distribuída, inteligente esta dos classificados! Tempos depois (ainda a mania de jornal) eu saía de casa pra ver a saída do Imperial com um monte de jornais embaixo do braço — Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Fôlha de São Paulo, — tudo um lixo! Mas impressionava. Uma ressaiva: o Correio da Manhã dos bons tempos tinha um 2.º caderno de fazer inveja ao Pato

Macho. Mas depois, minha gente, não sei o que não aconteceu. A ZH Dominical, mal nasceu-bem morreu. E o resto continua na mesma. E agora? Eu sei, tem o Jornal da Semana, o Pasquim, o Time, a Veja, a Rádio Continental, a Amiga, mais isto é outro papo. O PATO MACHO: o líder da audiência na aldeia global do Telmo Thompson Flores. Crivado de críticas, Cravejado de <sup>palavrões</sup> desqualificados, ei-lo vivo, ofegante, alegre, desodorizado. Mas o que dá, é só isso mesmo: pausada no Pato que é merecida! Terezinhaaaaa... Pau nêlo: «é pomográfico», «diz o que a gente pensa e não tinha coragem de dizer», «quem é este tarado que só fala de mulher?», «a mônica, que mau gosto», «minha filha não sai mais pra rua, tampouco para o Butkin ou para a Indepê, se quiser ir pró centro vai

peia Oswaldo Aranha e aproveita e vê as coisas do Helyinho», «lá em casa, eu já decretel, não entra o Pato Macho!», «se ainda fôsse um Pasquim e tivesse alguma coisa pra ler, vá lá», «mas assim não dá», «o jornal tá mas não está de acôrdo com o que se propõe». Então o dentista diz para o tesoureiro: — pronto. Está arrancado o último. Pode ir.

Mas a estória não é bem esta daí. Quem quiser continuar pensando como o leitor de Correio e Diário de domingo tem toda a liberdade. E mais: critiquem, critiquem, critiquem ferozmente, só desta forma poderemos piorar e deixá-los sempre contentes. Dê-lhe paulada, dê-lhe sóco, outro, no ôlho. Pronto. — E' quarta-feira, tem Pato na banca, tem bronca no Pato.

SOU O  
**SUPER-FOTO**  
BICHO!  
MEU CHÃO É NA CÂMBIAL.

LÁ NÓS TEMOS  
UM TREMENDO  
LABORATÓRIO ELETRÔNICO!  
**SUPER  
RAPIDO!**

SORTIMENTO COMPLETO  
DE ARTIGOS  
FOTOGRAFICOS E  
CINEMATOGRAFICOS  
PARA AMADORES  
E PROFISIONAIS...

**BICHO!** É O SERVIÇO MAIS RÁPIDO  
DA CIDADE, TEM ULTRA CÓPIA,  
TEM ULTRA COLOR.

SOMOS ESPECIALISTAS  
EM AMPLIAÇÕES...

OLHA É TANTA COISA  
QUE EU NEM ME LEMBRO!

VAI LÁ QUE TU  
VAI GOSTA...!

**A cambial**

AV. D. FLORES, 888 - PORTO ALBERTO - FONE: 24-64-88  
PILAU 1 - RUA VIGARIO JOSE BLANCO, 241 - FONE: 28-28-00

MY LORD! MY LORD!  
POR ESTAS PARAGENS  
SÓ DA MESMO  
A DIFUSORA.

ORA DIREIS  
DEU 10 OUTRA VEZ.  
ANTES DO ARAUTO IBOPE  
VIR COM ESSA, EU CÃ JÁ  
O SABIA. ATÉ EU, VASSALQ  
DE QUANDO EM QUANDO  
E QUASE SEMPRE  
MERGULHO NO 10.

TV-DIRETA  
canal 10  
UM ANO  
DE  
LIDERANCA

# a tal de festa

A tal da festa Grand Prix foi um negror, no célebre dito de Negra Cló.

Um das doidivas sara-coteavam no picadeiro, os nenens de 13 aninhos não sabiam dançar. A única novidade foi Paulinho Bôlha com a fantasia Homenagem a «Tarumã Florido no Outono da Velocidade da Luz».

# TATATA PIMENTEL

Dona Onira Terra convidou um pequeno e outro grande grupo para apresentar suas despedidas ao vento minuano. Volta logo para o calor de Ipanema.

Encouraçado Butikin & Sociedade das Mais Anônimas mimoseou Mary Bethânia, Leina e Rosa de Valença com o prato Galinha à Hemorragia (para alguns era ao molho, que com luz negra ficava pardo).

A mesa Caldas Júnior apresentava sr. e era. Fávio Carneiro, ela muito minha amiga, Sandra Garcia e acompanhante, a mesa Country Clube era composta de Seu Paulo e Dona Marília Agrifoglio, Seu New e Dona Suzana Machado Chaves Barcellos, ela com calor de ouro e brilhantes, vejam só! E a grande simpática da noite Dona Amelinha Toste, com seu charme Katy Jurado, meio puxado para o hispano-andaluz. O Grupo Siroteky representado por Luis Carlos Lisboa e Norinha Tatch, maravilhosa meninal No grupo híbrido de Batuque, Mulher e Samba, Seu Maneco e Dona Vera Vargas. E o Grande Grupo Patomachense, Ferlauto, — Cristina, Elaine do Batuque-Minha-Mãe e do Ruy Sommer também.

Leina Crespi fazia das escadarias da Boata um glorioso tobogã, Bethânia em sua discrição e Roelínia. A de Valença, não chegaram a ser notícia.

De música de fundo foi oferecido aos convivas Angela Maria.



Na festa do Grand Prix, o menino Paulo Bolha levando a fantasia «O Apocalipse no Tarumã de Pôrte Alegre de todos os Casais no Outono Dourado».

## DO ARQUIVO SENTIMENTAL



Dona Elisabeth Renne, Chaves Barcellos Kessler e o Senhor Roberto Kessler quando noivos em um acontecimento social no Clube do Comércio.



## TAPÊTES PATOMACHO

O Fulmã me contou: no Marrocos o pessoal ainda encanta serpente com flauta e anda de tapête-voador. O encantamento dos ofídios não passa — entretanto — do próprio, armando o bote prá morder o flautista que durante o bote deve beijar a nuca da venenosa. Se não beija, é reputado como de araque. Os tapêtes voadores encantaram o Nelson Kalli: ele quer um para deslizar no tobogã do Célio Marques, já que sua BMW não aguenta mais a Indepê.

Bem, esta história comprida é para explicar que os tapêtes de Maruja Bass estarão expostos aí pela próxima semana. O local todos vão saber porque isto aqui tá que é a aldeia global. Todo mundo, sabe tudo. E tudo é tão pouco! Maruja faz tapêtes sensacionais (eu já vi!) e vale à pena para a menina que está em-se-casando, ir lá dar uma olhada. Só não comprei porque ando muito duro e ainda não estou em estado de graça. E quem pensa que estou passando esta informação por causa de Adelita, filha de Maruja e John, estão enganados. Eu adoro a baixinha, mas as tapêtes são realmente sensacionais. Vai lá. CLÁUDIO FERLAUTO

Breve **JA**  
**Nas Bancas**  
 TARSU DE CASTRO  
 CLAUBER ROCHA  
 LUIZ CARLOS MACIEL  
 PAULO FRANCIS  
 MARTHA DE ALENCAR



Private Club  
**Indepê 936**

vinte e um

# Odette de Crécy

CARTAS  
PARA  
JOSE BONIFÁCIO  
595



1) Minha cara Odette, perdoe-me não sabê-la se trato por senhora ou senhorita. Senhorita pela sua idade não ficaria bem, talvez senhorita pagasse melhor. Que tal? (vários parágrafos e um primentando pelo sucesso que por falta de espaço omitimos). Você se lembra quando morava nas imediações do Centro de Saúde e usava cabelo cajú? Que tal publicar uma foto daquele tempo no Pasquim II?

Dona Odette o problema é o seguinte: Depois de andar em lugares maravilhosos, Bocca's Demetrio, Belle Époque, Madrigal, etc., — vou a Independência em sua nova casa que é conhecida por abrir e fechar, e lá encontro, Três Marias, Aron, Nino, Júlia, Fabretti, etc, etc... Mas eis que vem o garçon e quando vou pedir uma Brahma, olho a cara dele, e me deu vontade de pedir outra coisa Then e there, cross my heart, gamei bem, gamei. Que devo fazer, Odette, peço para servir drinques aqui em casa? E se ele pedir pagamento adiantado? Passo as noites sem dormir, que faço?

CONSELHO. — Querida amiga, há quanto tempo não resolvía eu seus problemas. Lembra-se quantas vezes te encontrei, quando me dirigia à minha residência; — você naquelas noites gélidas de julho, titiritando de frio, nas caudalosas filas do Centro de Saúde, seção de doenças venéreas, esperando que sua carteirinha profissional de saúde fosse assinada? De fato o tempo passa. Já lhe dei mais de mil vezes a receita do cabelo, que não é cajú e sim acajú. É claro que se

fôres na Luba, pintar o cabelo com a Marly, acabarás ficando careca, pois cajú não é cor que se use. Infelizmente não posso publicar fotos daquele tempo pois estão agora no arquivo de Franco Rubatelli que me lançou na imprensa européia antes de Verouschka, você não pode consultar as publicações pois a única língua que fala é a língua do P. Quanto ao tratamento devido a uma autoridade de alta monta como eu, consulte a Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira, edições livraria do Globo. Ali encontrará todas suas dúvidas linguísticas resolvidas. Bom, passemos logo ao conselho. Querida Gauchinha Apaixonada, se você me conhece desde os tempos em que possuía residência na Jerônimo de Ornellas, você deve estar brontosáurica, e portanto não deve contar com a parte física de seu corpo. Se sua Maison Close está de fato rendendo muito, poderá contratar os serviços deste rapaz que se intitula garçon naquela casa. Aconselho sempre sair com o dinheiro antes, pois nesta idade só a força monetária levanta algo de subatancioso. Você sabendo da trajetória meteórica dos empregados daquela casa, poderá aguardar um tempo mais regulamentando a situação profissional do rapaz sem pagar INPS. Embora sua conta em boutiques deverá ser astronômica. Consulte na Biblioteca da Casa de Portugal, um manual de danças folclóricas portuguesas e não mais terá problemas com o Vira, dança aliás, demasiadamente difundida nas boates da moda porto-alegrense. Bonsucesso.

3) Dona de Crécy.

Estou apavorada. Antigamente era convidada frequentemente por Ruy Sommer para os acontecimentos sócio-esportivos benemerentes da Boate, ocasião que meu nome sempre aparecia em todas as crônicas sociais. Atualmente, que meu marido não é mais presidente da Fábrica de Têxteis, os convites não chegam mais. Que faço para voltar a aparecer na Crônica Social.

4) Querida Amiga Odette.

Só porque meu casamento foi feito no Uruguai (na rua Uruguai, quero dizer) meu grupo está me olhando atravessado. Como não quero ficar por fora estou freqüentando as rodas de bridge sem ser convidada, nos jantares íntimos sento em qualquer lugar e em Tôrres vou muito ao clubinho. É de sociedade este meu procedimento? — Portenha de Sociedad

(a) Senhora que foi uma das Dez Mais de 1965.

Só há duas soluções, convide Ruy Sommer para crismar seus gêmeos, ou que seja padrinho de casamento de sua filha na Igreja São José.

CONSELHO — Querida Portenha, nada mais correto que seu comportamento. Aliás, só são de sociedade os casamentos no exterior. Este negócio de casar na Igreja Santa Therezinha às sete da noite, com recepção no Plaza Hotel e Noite de Núpcias em Gramado já era há muito tempo. Veja a Princesa Ira que casou no Reno, Elizabeth Taylor, no México, Joana Costa, na Polónia, etc. E quanto a convites não se preocupe, quando você passar a freqüentar o Country Club choverão propostas para as mais diversas e divertidas festinhas...

Saudações Acadêmicas.



## Cine MADRID

VANDERLEI CUNHA

O bicho, por acaso, tem alguma coisa contra Elis Regina? Se tem, corra e fale logo pois isso já está passando de moda. O negócio agora é descobrir porque a gaúcha só faz disco bom. Neste último, por exemplo, que a Phillips resolveu chamar só de

«Ela» (e precisa mais?). — Ela é toda felicidade e explosão. O clima do LP não me deixa mentir: tem Ivan Lins («Madalena» — Ih, Meu Deus do Céu...), Marcos & Paulo Sérgio Valle («Black is Beautiful»), Caetano («Cinema Olympia», «Os Argonautas»), Lennon & McCartney («Golden Slumbers» — «Carry That Weight»), Baden & Paulo César Pinheiro («Falei e Disse», «Aviso aos Navegantes»), Roberto & Erasmo Carlos («Mundo Deserto»). Como nada é perfeito (nem mesmo o Pato Macho), o repertório tem duas recaídas: «Ela», uma longa

ja e chatíssima composição de César Costa Filho; o arranjo «mambolizado» da «Estrada do Sol», dando um pontapé na suavidade de Tom e nos versos de Dolores Duran. O resto, no entanto, garante a parada e ninguém pode perder o inglês de Elis em «Golden Slumbers», a graça de Elis nos sambas de Baden, a raça de Elis, o contrabaixo e o órgão de «Os Argonautas», os violinos de «Cinema Olympia», as guitarras, a bateria de Wilson das Neves, os arranjos de Chiquinho Moraes, a voz, a voz, a voz... Ah!

VANDERLEI  
ATACA  
DE  
ELLIS.



ALÉM DA  
MEU BOM JAVALI.

# PATO MACHO

Nº 1  
OS  
NOSSOS  
PRIMEIROS  
MISEROS  
5.000 ex.



Nº 2  
MAIS CORAGEM  
8.000 ex.



Nº 3  
10.000



Nº QUARTO

NESTA EDIÇÃO  
15.000





**A PATADA**

A fotografia do Asela Hoffmann não quis dizer o nome. Penal (De Pato).

PATO MACHO N.º 4, 5 de maio de 1971

Pato Macho Cr\$ 1,00

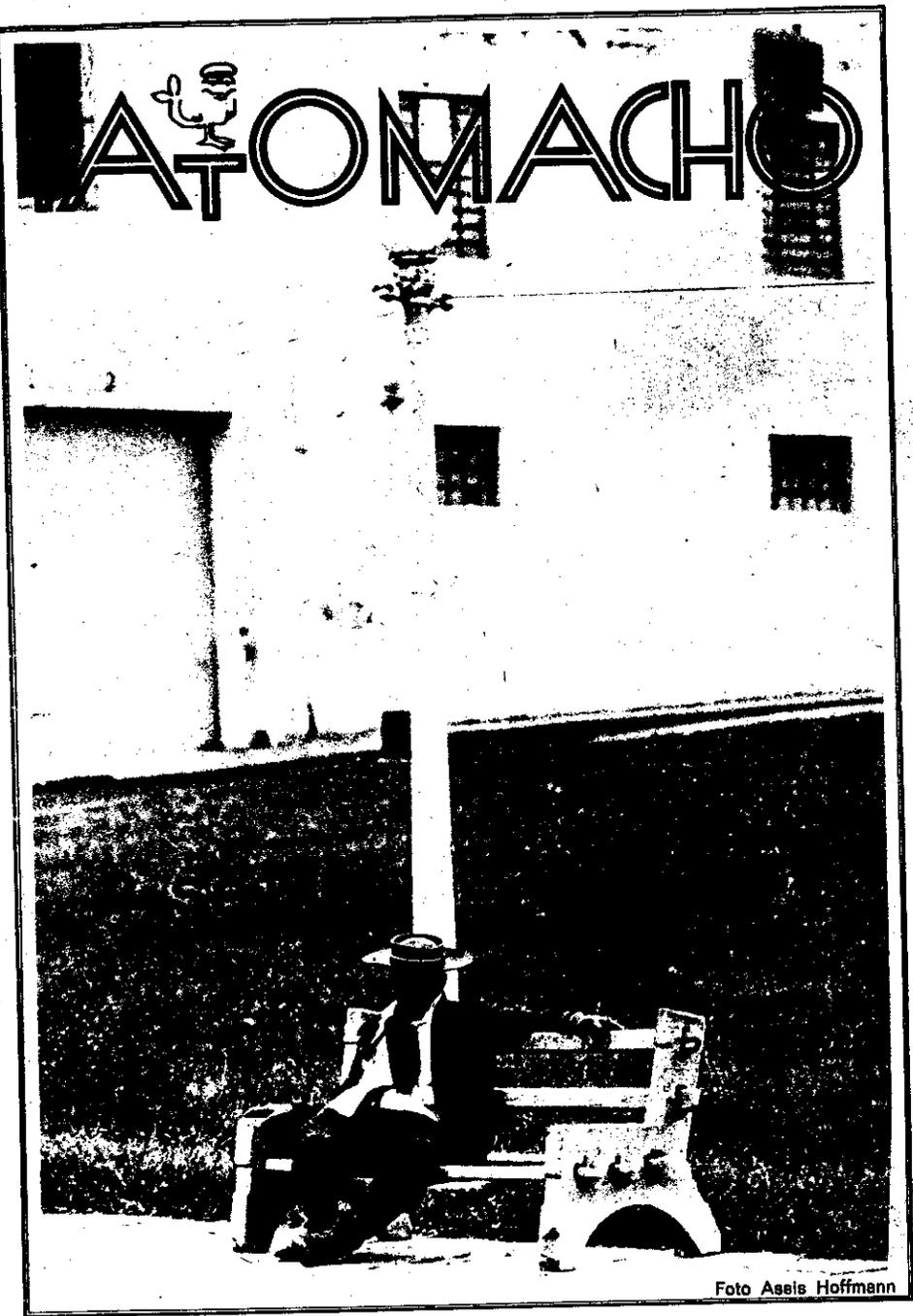


Foto Asela Hoffmann

vinte  
dois



# Orato

TEM A  
**JUUU Monster!!!**  
FALANDO DE  
MÚSICA POP

ENJO SORRISO DO CUI AO EMBARCAR.  
**BREVE: GRANDES  
NOVIDADES  
DO RIO**

# cinco mais mulher!

Charles, o  
Nobre, o  
D'Arrigob

"O arquitranso travestido"  
CLAUDIO FERLAUTO  
**ATACA DE NOVO!** COM ECOLOGIA  
(ELEGANCIA) ARCOLOGIA

OH, N, N!  
CANELO VEM  
DE NOVO!  
O LUIS FERNANDO ATACA  
DE JAZZMAN E O  
NEGRÃO JHENDRIX.

OS ROLLING  
MATERIAS  
INTERMEDIAS  
NAIS

E MUITO  
MAIS



CARTAS PARA:

Patota  
c/888 de Benifacio  
5915  
986 388

EMAIS:

BEITO, O PRADO, LEONID,  
LEVITAN

Luis Coronel  
ELOI TERA  
ASSIS HOFFMAN  
Telizardo e  
MAIS E MAIS...

E TIRA DE LETRA!

VAI ESTE PATO  
VAI ESTERIO?  
CARTAS PARA A  
REDAÇÃO

# PATOTA

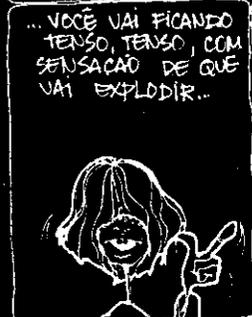
Copyright by  
beto prado



SABE, AS VEZES  
AS COISAS VAO  
ACONTECENDO...



... E VOCE FICA  
SEM SABER O  
QUE FAZER,  
ATE QUE...



... VOCE VAI FICANDO  
TENSO, TENSO, COM  
SENSACAO DE QUE  
VAI EXPLODIR...



... ENTAO VOCE ADQUIRE  
UMA TENDENCIA "A  
DESTRUICAO.. DESTRUIR,  
E POR QUE NAO  
DESTRUIR?..  
SIM,



"DESTRUIR"



..MAS DEPOIS, QUANDO  
A POEIRA BAIXA...



.. VOCE SE sente QUE  
PERDEU ALGUMA  
COISA, OU QUEM  
SABE..



.. SO MUDOU ALGO,  
ACRESCENTOU, NASCEU  
TALVEZ..



" DEPOIS VEM O VAZIO, NAO  
ADIASTA NADA DISTO.  
SOL, MAR, PORQUE  
MESMO ASSIM VOCE  
MELANCOLICAMENTE  
EXPLODE.. COMO  
CONSOLA, VOCE TENTA  
UMA EXPLOSAO COLORIDA..



MAS SERA TUDO UM VAO, POIS  
NAO LHE FORNECERAO CORES..

BETO PRADO